IOS INSTITUTO DA OPORTUNIDADE SOCIAL

18 ANOS

Retratos de Oportunidades -

o terceiro setor e o desenvolvimento social

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Retratos de oportunidades : o terceiro setor e o desenvolvimento social. -- São Paulo : Instituto da Oportunidade Social, 2016.

Vários colaboradores.
ISBN 978-85-5956-000-8

1. Desenvolvimento profissional 2. Educação - Finalidades e objetivos 3. Educação profissional 4. Escolas públicas 5. Instituto da Oportunidade Social - História 6. Organizações não-governamentais 7. Terceiro setor.

16-01888 CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Instituto da oportunidade Social : Desempenho social : Educação para responsabilidade social 370.115

Mantenedora:

Apoio:

Retratos de Oportunidades -
o terceiro setor e o desenvolvimento social

Instituto da Oportunidade Social

São Paulo
2016

IOS INSTITUTO DA OPORTUNIDADE SOCIAL

18 ANOS

Créditos

Idealização
Kelly Christine Barbosa do Valle Lopes

Diretoria e Gestão
Alecsandra Neri de Almeida Meira
Kelly Christine Barbosa do Valle Lopes
Lelio de Souza Jr.
Saulo Porto
Sergio Pauperio Serio Filho

Coordenação Geral
Gisele da Silva
Mariana Martinez Leite
Paulo Bregantin Jr.
Rafael Eugênio do Nascimento

Entrevistas, Redação, Edição e Revisão
Janaina Tobita
Ricca RI
Terra Oca Filmes

Fotografia
Anna Carolina Negri
Fernando Dall'Acqua
Manu Oristanio
Rafael Eugênio do Nascimento

Design e Diagramação
Murilhas Comunicação

Comissão de Curadoria das Histórias
Ageu Antonio dos Santos
Alecsandra Neri de Almeida Meira
Amariles Pimenta
Carla Samile Machado
Gilvane Minhoto
Gisele da Silva
Maisa Signor
Marcos César Pires
Mariana Martinez Leite
Paulo Bregantin Jr.
Priscilla Feraretti Oliveira
Raquel Augusto
Renata Aureli Mendes
Tamara Gabriela Lunardelli Leite
Tasso Scaff
Valter Espinola Jr.
Vanessa Melhado

Realização
Instituto da Oportunidade Social

IOS INSTITUTO DA OPORTUNIDADE SOCIAL

18 ANOS

O Instituto da Oportunidade Social, responsável pela criação desta Publicação Editorial, comemora seus 18 anos de existência.

Sediado em São Paulo (SP), o IOS é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, que opera na capacitação e ampliação da empregabilidade de jovens da rede pública de ensino e de pessoas com deficiência física, visual ou auditiva.

Criado em 1998, o Instituto nasceu a partir da iniciativa voluntária de um grupo de colaboradores da empresa Microsiga Software S/A, atual TOTVS – hoje sua principal empresa mantenedora –, com o objetivo de proporcionar o acesso à informática para jovens de baixa renda. Em 2008, a área Educacional e a gestão do Instituto inovaram os programas oferecidos, criando cursos de capacitação profissional com o uso do *software* ERP TOTVS, melhorando a qualificação de jovens e pessoas com deficiência para o mercado de trabalho.

Um Instituto e suas milhares de oportunidades...

Leidevan Monteiro nasceu na zona rural, no interior do estado do Ceará. Seu primeiro contato com um objeto "tecnológico" foi aos sete anos, quando assistiu televisão pela primeira vez, já morando em um município vizinho à zona leste da cidade de São Paulo. Hoje ele vive nas alturas, comandando a cabine de passageiros de grandes aeronaves em uma companhia aérea brasileira.

Rodrigo Graziano é fã de futebol e até ao estádio já foi. Essa seria uma história comum se ele não fosse um jovem com paralisia nos membros superiores e inferiores por conta de uma síndrome rara com a qual nasceu. No entanto, ele completou os estudos, fez faculdade e trabalha em uma multinacional com mais de 10 mil funcionários, a TOTVS, empresa a qual dirijo.

São 18 anos, 18 histórias selecionadas neste trabalho, sem falar dos mais de 27 mil jovens e pessoas com deficiência apoiados pelo Instituto da Oportunidade Social - o IOS - desde o seu início.

Por que investir tanto tempo e esforço em iniciativas desse tipo? Quando penso na razão de existir do IOS eu poderia resgatar aqui os velhos (e não por isso menos válidos) clichês; como ajudar ao próximo, se importar com a sociedade como um todo... porém, dentre tantas razões pelas quais ações como estas são importantes, uma delas se destaca para mim: o grande beneficiado é sempre aquele que estende a mão.

E quando falo dos retornos aos voluntários ou às empresas mantenedoras não estou falando apenas do bem-estar que o apoio a uma causa traz. Refiro-me aqui a benefícios muitos mais concretos, tanto para o setor de Tecnologia da Informação (TI) quanto para o Brasil como um todo.

Ao ter como missão buscar, apoiar e monitorar a empregabilidade de indivíduos que têm menos acesso às oportunidades de estudo e trabalho, o IOS leva ao mercado pessoas mais capacitadas, mais preparadas e com mais disposição para aprender. Além disso, torna possível o desabrochar de futuros empreendedores e gestores que de fato podem contribuir com o crescimento do País e sua competitividade, frente ao mercado internacional.

São talentos que poderiam ficar escondidos em uma sociedade cheia de disparidades de acesso a direitos básicos, como educação, renda digna e trabalho. Investir nessas pessoas é investir em inovação... é investir no Brasil!

É por isso que, para mim, o Instituto da Oportunidade Social é algo tão apaixonante. Não só por sua causa em si, mas também por todos os resultados obtidos e a história sólida que construiu ao longo desses anos, sendo um *case* de profissionalização e gestão do terceiro setor.

Eu poderia gastar aqui inúmeras páginas para falar deste tema, mas vou deixar que a Ana Carolina, a Beatriz, o Leidevan, o Matheus, o Rodrigo, contem suas vivências e permitam que você conheça o Instituto em profundidade. Eles cumprirão essa missão bem melhor que eu.

Boa leitura!

Laércio Cosentino
Fundador e CEO da TOTVS SA

Prefácio

Comecei a trabalhar no Instituto da Oportunidade Social (IOS), em abril de 2008. Depois de uma carreira de quase 15 anos em Tecnologia da Informação (TI), foi justamente a experiência adquirida de forma voluntária no terceiro setor que me aproximou da minha atual paixão profissional: a gestão do IOS.

Mas o que um profissional de TI vai fazer em uma ONG? Certamente essa foi a pergunta que eu mais ouvi dos meus ex-colegas de trabalho. A resposta para ela é que no IOS, eu consegui colocar em prática todo o meu potencial profissional: gestão administrativa de uma empresa, processos de negócios, liderança e desenvolvimento de pessoas, captação de recursos, relacionamentos institucionais com empresas e com o governo, comunicação, TI, planejamento estratégico, prestação de contas, projetos sociais e educacionais, gestão de cronogramas, prazos, clientes e fornecedores, trazendo e implementando com muito orgulho uma metodologia de trabalho corporativa para desmistificar o preconceito que muitas pessoas ainda possuem de que no terceiro setor há uma grande pobreza de recursos físicos e intelectuais.

Não bastasse toda essa satisfação, ainda tem a mais deliciosa cereja do bolo: cada entrega de um projeto bem feito e de uma meta cumprida está diretamente relacionada à oportunidade de transformar a vida de um jovem ou de uma pessoa com deficiência para melhor, por meio da educação e do trabalho!

Na época em que ingressei no IOS, havia uma equipe pequena e assustada com a troca da liderança direta, que trazia uma nova diretriz de trabalho definida pela diretoria do Instituto: transformar o IOS em um instituto-modelo em capacitação profissional, capaz de direcionar e impulsionar a empregabilidade dos alunos formados, aproveitando o conhecimento tecnológico disponível na empresa TOTVS, a sua principal mantenedora.

Nessa equipe estava o Ageu, nas reuniões de grupo, era ele o que menos falava e o que mais ouvia e pouco deixava transparecer se estava concordando ou discordando, ou se tinha dúvidas quanto à nova proposta de trabalho para o IOS. Foram necessários alguns meses para que ele se sentisse mais confortável em participar e se posicionar.

Com o tempo, a aproximação com o Ageu deixou de ser apenas profissional e se tornou também uma amizade. Assim, eu pude conhecer sua história de vida, que estava diretamente relacionada à minha experiência de trabalho voluntário com crianças e adolescentes sem famílias, ou que foram retiradas das famílias por maus tratos, e que moram em casas de acolhimento, mais conhecidas como “orfanatos”.

A história do Ageu mexeu comigo. Foi um clique na minha cabeça, um *insight* que me fez refletir sobre a imensa importância das organizações sociais no atendimento ao indivíduo.

Percebi que, na prática, são elas que realmente promovem o impacto no desenvolvimento social que é percebido diretamente pela população de menor renda no Brasil. É por meio das organizações sociais que estão disponíveis casas de acolhimento para abrigar crianças e adolescentes que são retiradas das famílias por maus tratos, centros de crianças e de adolescentes para as famílias deixarem os seus filhos no contraturno escolar, cuidados direcionados para a saúde e o atendimento às pessoas com alguma deficiência, cursos profissionalizantes gratuitos, aulas de reforço escolar, incentivo aos esportes, projetos de cidadania e de melhoria na qualidade de vida das comunidades, cuidados com o meio ambiente, cuidados com os animais, e uma infinita relação de ações sociais.

A partir desse *insight* nasceu a vontade de "contar" a história do Ageu, e de fazer esta ligação entre o indivíduo e os resultados obtidos em sua vida por meio dos trabalhos realizados pelas ONGs.

Essa ideia ficou persistente em minha cabeça, e passei a buscar a oportunidade, que surgiu no ano de 2015, em grande dose!

Com a proximidade dos 18 anos do IOS e o patrocínio financeiro recebido das empresas **TOTVS** e **IBM**, ou por meio de doação direta, ou de Projetos de Incentivo Fiscal do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONDECA), foi que percebi que tínhamos as condições favoráveis para contar não apenas a história do Ageu, mas 18 histórias de pessoas comuns que tiveram um importante ponto de virada em suas vidas com a participação do Instituto da Oportunidade Social. E junto à equipe do IOS decidimos que este seria um projeto que iria incentivar e fazer outros personagens buscarem viradas em suas vidas para conquistarem um futuro melhor, assim como fizeram o Ageu, o Rodrigo, a Bia, a Carol e os tantos outros personagens aqui apresentados!

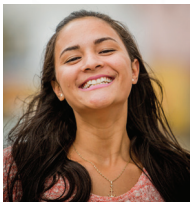
Muito provavelmente ainda terei outras paixões profissionais em minha vida. Mas se, por meio deste livro e do documentário, alguém como você, leitor, se sentir incentivado a se tornar um voluntário; ou um profissional atuante no terceiro setor; ou um mantenedor potencial na construção de um futuro melhor para as pessoas com menos oportunidades; ou, principalmente, a transformar sua vida por meio da educação e do trabalho, certamente aqui o meu legado estará concluído.

Um abraço!

Kelly Christine B. do V. Lopes
Idealizadora do Projeto

Índice

Ageu Antonio
12


Ana Carolina
18

Beatriz
22

Genilton
26

Jefferson
32

Jucelino
36

Juliana
e Lucienne
40

Julio Cesar
46

Leidevan
52

Liliane Samira
56

Luana
60

Mariana
66

Matheus
70

Raquel
74

Rodrigo
Alexandre e
Alexandro
80

Rodrigo
88

Thaieny
92

Willians
96

Ageu

O SOCIAL COMO ESCOLHA DE VIDA

NOME: Ageu Antonio dos Santos

OCUPAÇÃO: Especialista de Tecnologia e Infraestrutura no IOS

IDADE: 42 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

"Sou o quinto filho de seis irmãos. De família humilde, minha mãe era dona de casa e o meu pai trabalhava como mestre de obras. Mas acredito que a minha história não começa no dia do meu nascimento, e sim, quando a minha mãe morreu, logo após dar à luz ao meu irmão caçula."

Quem conhece e convive com o Ageu não sabe que por trás do seu jeito alegre, do alto astral, e de seu sorriso largo e encantador, estão guardadas tantas histórias de superação. Preocupado em proporcionar a melhor educação para os seus filhos, quem poderia sonhar que o Ageu – casado, pai do Pedro e do Enzo, profissional bem-sucedido, que batalha diariamente para dar à sua família amor, oportunidades de uma vida melhor – foi privado de receber em sua infância e adolescência uma referência familiar próxima.

"Com o falecimento inesperado e injustificado da minha mãe, o meu pai se viu perdido e sozinho para cuidar de um bebê recém-nascido e de mais cinco crianças. Sem estrutura emocional para lidar com esta virada em nossa vida, encontrou na bebida e na droga a sua fuga dos problemas. Em muitos momentos, contávamos basicamente com a ajuda voluntária de nossos vizinhos."

Aos poucos, o seu pai foi perdendo tudo o que tinham, casa, carro, até que chegou um dos momentos mais críticos em que foram morar na favela Vila Luzita, em Santo André (SP), região do ABC Paulista, e a violência doméstica começou a fazer parte do dia a dia daqueles seis irmãos. Dois deles fugiram de casa, passaram um tempo morando nas ruas e depois foram acolhidos por um orfanato em Santo André.

E assim se passaram quatro anos quando, por um acaso do destino, voluntários do "Lar da Mamãe Clory"* convenceram o pai do Ageu a deixar que os seus dois filhos mais novos fossem morar naquele orfanato. O Ageu estava com sete anos de idade e o seu irmão caçula, Aparecido, com quatro. Algum tempo depois sua irmã, Marina, foi morar com eles também.

"Chegamos ao orfanato levando apenas um saco de roupas. Era uma casa enorme, que abrigava muitas crianças e adolescentes. No meu quarto tinha uns 30 beliches. O dia que entrei para o orfanato foi também o último dia em que eu vi o meu pai com vida".

* Clory Fagundes Marques nasceu em Alegrete (RS), em 1919. Ela se casou aos 22 anos em Ponta Porã (MT) e, oito dias após a cerimônia, deixaram um bebê na porta de sua casa. Clory acolheu aquela menina, que foi a primeira das dezenas de filhos adotivos que ela teria durante a vida. Já morando em Andradina (SP), outras crianças foram aparecendo e quando ela se mudou para São Bernardo do Campo (SP) – onde receberia Ageu e seu irmão – ela já tinha 87 crianças e jovens morando em sua casa. Em 1969 ela fundou a Associação Cristã Verdade e Luz – mais conhecido como "Lar da Mamãe Clory" –, onde atuou até falecer aos 94 anos. Ao todo, foram três filhos biológicos e mais de 3 mil pessoas acolhidas por ela e pela instituição que fundou.

O “Lar da Mamãe Clory” se tornou a casa e a família do Ageu. Lá ele recebia uma boa alimentação, cuidados pessoais, ia para a escola e tinha a ajuda e o carinho de pessoas voluntárias em datas comemorativas. E a “Mamãe Clory” foi a referência de mãe em sua vida. Mesmo sem tempo para pegar no colo e dar atenção individual para todos os seus “filhos”, Clory Fagundes Marques conseguiu ensinar àqueles corações o verdadeiro sentimento do amor, da gratidão e da solidariedade.

Ageu também conviveu com crianças e histórias mais difíceis do que a sua. Não raramente, presenciou em Assunção, bairro simples de São Bernardo do Campo (SP) onde se localiza o orfanato em que viveu, adolescentes violentados, baleados, e até sendo presos. *“Briga lá no bairro, era porrada e paulada, eram feias mesmo, se alguém quisesse apartar tinha que ser muito bom, porque enquanto um não sangrava, a briga não acabava. Eu não queria isso pra mim.”*

Em 1998, o Instituto da Oportunidade Social (IOS) fechou uma parceria com o “Lar da Mamãe Clory” para criar uma sala com computadores para as aulas de informática. Nessa época, Ageu, com 25 anos, já trabalhava em uma gráfica dentro do orfanato e se ofereceu para ajudar na criação de um espaço para esta sala que contaria com limpeza, pintura, instalação da parte elétrica do local e mobiliário. Pouco tempo depois, quando as aulas já estavam sendo ministradas, a professora Rosa precisou ser transferida para outra Unidade do IOS, surgindo assim a necessidade de contratar alguém da região para assumir as suas aulas.

“Trabalhando como gerente da Gráfica Luz dentro do orfanato, fui chamado para uma conversa com o Dr. César Luiz Fagundes Marques, médico, filho biológico da Mamãe Clory e presidente da instituição. Ele que me falou sobre a vaga e perguntou se eu tinha interesse em participar do processo seletivo. Eu perguntei como ficaria a gráfica, pois estava na liderança de aproximadamente 20 funcionários, fazendo a interface com a diretoria, comprando materiais, vendendo serviços, acompanhando as atividades diárias, com conhecimento em todos os processos, acabamento gráfico, informática, sistemas gráficos... Eu adquiri experiência e como ficaria tudo isso? Ele me respondeu que ficasse tranquilo, pois poderiam desenvolver outras pessoas para isso, até porque tudo estava funcionando bem. Ele me disse: é uma ótima oportunidade para o seu crescimento profissional. Eu agradeci e aceitei participar!” Dessa forma, no segundo semestre daquele mesmo ano, Ageu recebeu uma turma para ensinar informática.

> *“Olhando para trás, acredito que esse tenha sido o grande ponto de virada da minha vida, pois foi naquele momento que alguém acreditou em mim e me deu todas as ferramentas para que eu pudesse me desenvolver. Sem isso, eu não seria quem sou hoje.”*

O IOS acreditou no Ageu, mas o Ageu também acreditou em si e no Instituto, que naquela época estava dando os seus primeiros passos para uma vida independente, assim como Ageu, que já havia trabalhado em outras duas empresas como auxiliar, ganhando muito pouco.

Foi assim que, por 11 anos, o Ageu frequentou a sala de aula todos os dias, ensinando mas também aprendendo com seus alunos. Ele iniciou nessa função em uma época em que os jovens de menor renda não tinham acesso a computadores, pois estes não estavam ainda disponíveis nas escolas da rede pública de ensino e também não existiam *lan houses* e atuou como professor até o momento em que estes jovens com o mesmo perfil passaram a ter aparelhos celulares com muita tecnologia e acesso livre à internet.

Mas, certamente, não era apenas informática que os alunos aprendiam com o instrutor de Tecnologia da Informação, Ageu. O desenvolvimento comportamental, o "acreditar em você" e perseguir um sonho, além da importância da solidariedade, foram ensinamentos que Ageu aprendeu no "Lar da Mamãe Clory" e multiplicou para os mais de dois mil jovens alunos que passaram pela sua sala de aula.

Com o tempo, diante de seu desempenho e grande esforço, Ageu começou a ter novas missões no IOS. Passou a ser facilitador e cuidar da manutenção e implementação da infraestrutura das unidades do Instituto, papel que ainda desempenha com muito engajamento. Foi nessa função que teve a oportunidade de sair de São Paulo e conhecer as unidades do IOS em outros estados. *"Minha primeira viagem de avião foi a trabalho, pelo IOS."*

Também com o apoio do Instituto, Ageu fez faculdade, estudou, se preparou, e assim cresceu profissionalmente. Auxiliou na implementação de diversas unidades do IOS e, em 2011, recebeu o seu principal desafio: ajudar o Instituto a realizar o sonho de ter uma sede própria – e é bom que todos saibam: todas

as salas, todos os degraus, todos os corredores do Núcleo do Instituto, em Santana (bairro da zona norte de São Paulo), contaram com o carinho e o profissionalismo do Ageu. *"Ser especialista da área de Tecnologia e Infraestrutura de uma organização como o IOS é um grande orgulho pra mim"*, contou.

Quanto à história de sua família, hoje um dos seus irmãos é motorista de ônibus na região do Grande ABC e estudante de Direito, dois de seus irmãos trabalham na área técnica elétrica, outro mora nos Estados Unidos e sua irmã, Marina, é diarista e tem duas filhas que cursam faculdade. O irmão caçula, com quem conviveu no abrigo, faleceu inesperadamente logo depois do Natal de 2013.

"Aquele foi um Natal especial, porque a Marina tinha conseguido reunir todos os irmãos em sua casa. Perder o Aparecido foi bem difícil, sem dúvida. Fiquei muito triste, até porquê não esperávamos, aquele dia ele não acordou, dormindo de braços cruzados e assim se foi... A gente convivia bastante, e ele deixou filhos pequenos. Mas, a gente tem que continuar, agora tenho a minha família e é ela que me dá motivação pra levar o dia a dia."

O irmão mais velho, que sofreu mais com a violência da época em que todos moravam com o pai, é hoje uma pessoa mais fechada e de difícil acesso. Seu pai faleceu por volta de 1998, Ageu não se recorda muito bem da data – para ele foi uma sensação estranha, pois não tinha uma relação de vínculo com aquele homem. Ageu e seus irmãos se encontram de vez em quando, sem muitas datas definidas.

No "Lar da Mamãe Clory", Ageu constituiu outros laços familiares, e nos conta que promove encontros com os "amigos-irmãos" que lá conquistou, afirmando que seu vínculo com eles é de uma família verdadeira, por vezes mais forte do que o vínculo de outras famílias de sangue.

Ageu contou que tenta transmitir para seus filhos o que aprendeu no "Lar da Mamãe Clory", principalmente sobre ter boas relações, sensibilidade e manter-se próximo aos amigos. Ele acredita muito na presença, no "olho no olho" e no poder da conversa e do contato para resolver as coisas. *"Esse contato via tecnologia é um desafio da atualidade, porque as pessoas não conseguem se entender sem se ver cara a cara, e as relações são mais frágeis, as pessoas são menos preparadas do ponto de vista emocional. Preciso preparar meus meninos para o mundo, com amor, compaixão e solidariedade."*

> *"Eu vivi minha vida no social, eu sou fruto do social, meu trabalho e salário vêm do social. Se me perguntarem qual foi a principal lição que aprendi no IOS, eu diria que foi o amor e o respeito ao próximo, pois com isso você consegue ensinar e ter paciência para dar novas perspectivas de futuro para os jovens."*

Dezoito anos após o início da sua história com o IOS, Ageu diz não conseguir se ver fora do social.

A história de vida do Ageu poderia não ter tido um destino feliz. Mas teve! E foi no trabalho incansável do “Lar da Mamãe Clory” e do IOS que pessoas como o Ageu encontraram apoio, orientação, incentivo e reconhecimento para seguir em frente, com muito respeito e dignidade. Em vez de revolta, desde pequeno o Ageu tem plantado em seu coração as sementes do caminho do bem. E estas Organizações Sociais souberam regar essa semente. ■

Ana Carolina

UM ATALHO PARA A ALEGRIA

NOME: Ana Carolina Pereira Meireles

OCUPAÇÃO: Jovem Aprendiz na empresa ADCON Serviços

IDADE: 20 anos

NATURAL DE: Belo Horizonte (MG)

Mulher bonita, com traços bem brasileiros, Ana Carolina – ou Carol – foi uma criança com a história da família cheia de idas e vindas, mas sempre com muito amor.

Viveu por muito tempo em Céu Azul, bairro de conjuntos habitacionais em Belo Horizonte (MG) onde nasceu quando sua mãe era ainda muito jovem. Seus pais decidiram se separar quando ela era um bebê, assim, em sua infância, Carol viveu ora com a mãe e o padrasto – que ela diz ser um segundo pai –, ora com a avó, por conta das constantes brigas do casal.

Essas mudanças a fizeram reprovar um ano na escola, mas apesar da impressão de desordem na sua história, Carol teve uma infância feliz, com suas amigas, três irmãos por parte de mãe e um por parte de pai.

Na adolescência, aos 13 anos, passou por uma fase conturbada: sua mãe teve que cumprir pena de três meses de prisão – por motivos que até hoje Carol desconhece.

> *"Nesse período eu tive muitas responsabilidades nas minhas costas, pois virei uma espécie de mãe dos meus irmãos, passei a cozinhar todos os dias e limpar a casa – além de estudar, é claro",* relembrou.

Aos 14 anos, uma grande surpresa, que traria consequências e deveres, aconteceu: Carol estava grávida! Nesse mesmo momento, que por si só já traz inúmeras transformações a uma mulher, Carol também passou por muitas dificuldades em família. Seu pai, desgostoso da notícia, se afastou de Carol. Sua mãe se separou de seu padrasto, e Carol teve que se mudar para a casa da sua avó. Lá enfrentou desentendimentos e foi morar com o pai de sua filha e a família dele.

Isso tudo fez com que a gravidez fosse um dos momentos mais complicados de sua vida: estava sem o apoio dos pais, em uma casa que não era a dela, tendo fortes enjoos e outros efeitos da gestação, e sofrendo preconceito na escola pela gravidez precoce.

No entanto, o nascimento da sua filha, Nicoly, foi sinônimo de uma nova realidade para Carol, pois encheu os corações dos pais da jovem de amor e trouxe paz à família. Para Carol, contudo, a chegada da bebê também veio acompanhada da maior das responsabilidades de sua vida: ser mãe.

Ela abandonou a escola para se dedicar totalmente à filha, mas vivia angustiada por precisar trabalhar para apoiar seu sustento. Por indicação de sua mãe, foi fazer faxina e, como desempenhou bem a função, logo recebeu a proposta de um trabalho fixo, atuando então como empregada doméstica por mais de um ano. Nesse meio tempo, mais mudanças: Carol se separou do pai de sua filha, fazendo com que ela fosse a referência de vida para a pequena Nicoly em tempo integral.

Aos 17 anos, a jovem conheceu o Instituto da Oportunidade Social (IOS) por meio da tia, que insistia para ela voltar a estudar. Quando foi se inscrever, faltando pouco tempo para começarem as aulas, Carol descobriu que precisava estar matriculada na escola ou formada no Ensino Médio. Então, para não perder a oportunidade, correu para a escola do bairro, mas encontrou a secretaria fechada.

> *"Eu fiquei desesperada, comecei a chorar copiosamente até o momento que a moça da escola se comoveu e disse que faria a minha matrícula"*, contou ela, hoje rindo da situação.

Finalmente matriculada no IOS, Carol embarcou em uma rotina puxada: *"eu entrava às 7h da manhã para fazer faxina, saía às 13h e ia para o IOS sem almoçar, saia às 17h, buscava minha filha na escola, dava conta das coisas dela e depois eu ia para a escola. A minha vida era correr!"*, relembrou ela.

O esforço valeu a pena! No fim dos seis meses de curso no IOS, Carol foi indicada pelo Instituto para uma vaga de jovem aprendiz em uma empresa do setor de terceirização de serviços e começou um novo ciclo na sua vida.

> *"Eu me formei no IOS no sábado e comecei a trabalhar na segunda!"*, contou orgulhosa.

Hoje em dia Carol continua como jovem aprendiz, está muito feliz com o resultado do seu esforço e conta cheia de alegria no olhar: *"eu aprendo muito na empresa, todos os dias. Estou adorando!"*.

> *"Minha vida mudou totalmente depois do IOS, teve um impacto tão grande quanto o dia em que eu descobri que estava grávida!"*, disse ela.

Carol é motivo de orgulho para sua família, uma menina dedicada e responsável que precisava de uma única chance para mostrar o seu potencial e buscar uma vida melhor. Agora, como ela disse, os professores do IOS a fizeram "pegar gosto" por aprender. Carol quer fazer faculdade de administração e crescer na empresa em que trabalha para dar uma vida cada vez melhor a sua pequena Nicoly. ■

Beatriz

APRENDER PARA CRESCER

NOME: Beatriz dos Santos Santiago

OCUPAÇÃO: Analista Administrativa na TOTVS

IDADE: 23 anos

NATURAL DE: São Bernardo do Campo (SP)

Menina de olhar doce e fala leve, Beatriz, hoje com 23 anos, teve sua vida desde muito cedo marcada pela disciplina e pela força de vontade que a fizeram superar os desafios da transição para uma vida adulta.

Única filha, mas parte de uma família numerosa, Bia – como é chamada pelos mais próximos – cresceu na periferia de Diadema (SP) e traz da infância a memória de muitas brincadeiras com seus primos, mas também de pais exigentes que transmitiram a ela muitos ensinamentos e também valores que carrega consigo até hoje: *"meus pais falavam sempre sobre respeito; independente de quem seja a pessoa, da condição econômica, da cor e da religião. Eles falavam que respeito é a base de tudo, mesmo que haja uma discussão, mesmo que você tenha algum problema com alguém, se você tiver respeito as coisas vão ser conciliadas".*

Além do respeito, a dedicação e a disciplina também são valores que pautaram o caminho de Beatriz. Quando ela tinha nove anos de idade seus pais se separaram e, com essa separação, veio um momento difícil para aquela criança criada em uma casa com muita alegria e, até então, com muita união.

Esse período trouxe mudanças importantes para a vida de Bia, não só por deixar de morar com seu pai e passar a não vê-lo todos os dias, mas também porque nessa época ela começou a frequentar a Obra Social São Francisco Xavier (OSSFX), uma instituição que acolhe crianças e adolescentes no contraturno escolar, educando-as e alimentando-as diariamente. Foi lá que sua mãe, que na época trabalhava na linha de produção de uma fábrica de produtos plásticos, encontrou um lugar seguro para deixá-la enquanto trabalhava na busca do sustento da casa, e foi lá também que a pequena Bia encontrou amparo, carinho e aprendizado.

"A Obra era um ambiente de muito amor e disciplina, tínhamos que andar com as mãos para trás, falar baixo e saber se portar; quando você se dirigia a alguma pessoa, por exemplo, tinha que levantar a mão e aguardar a permissão para falar."

Na OSSFX, a história da Bia cruzou com a do Instituto da Oportunidade Social (IOS). Por ter uma Unidade do Instituto funcionando dentro da Obra Social desde 1998, ela sempre ouvia falar dessas três letrinhas,

onde, segundo seus professores, encontraria uma oportunidade de se desenvolver e ampliar suas chances no mercado de trabalho. Quando completou 16 anos, seu pai ficou desempregado e deixou de ajudar Bia e sua mãe com as despesas da casa. Ao mesmo tempo, uma oportunidade surgiu: Bia passou a fazer parte da turma do IOS, fato que transformou todo o roteiro do que estava por vir. Beatriz estudou pesado, se esforçou, se formou e – com a ajuda do IOS – arrumou um emprego que, hoje, sustenta a sua família e alimenta o sonho de uma vida cada vez melhor.

Quando questionada sobre o que a levou a tudo isso, Beatriz coloca grande parte do sucesso dessa empreitada no apoio que encontrava no IOS, sob a forma de atenção, esforço e inspiração vinda de seus professores.

> *"A gente via o quanto nossos instrutores se esforçavam para estar ali, e isso me marcou. Mesmo sendo um trabalho, essas pessoas têm amor pelo que fazem, e isso você sentia a cada aula. Eles sempre buscavam uma motivação para dar uma aula muito boa para a gente."*

E até hoje, seis anos depois, Bia se recorda do dia em que o seu telefone tocou e revelou um inesperado convite para uma entrevista de trabalho: *"lembro que naquele dia eu estava no IOS com a minha professora Nádia, e – segurando o telefone no ombro – anotei o endereço da entrevista em um papel.*

Bia e sua instrutora no IOS, Gilvane Claudia Minhoto. Bia conta que no início do curso não tinham afinidade pela rigidez da "Profª. Gil" e hoje Bia a considera uma mentora confidente, amiga para todas as horas.

'Avenida Braz Leme 1.717'. Quando eu olhei para a minha professora ela estava pulando de alegria. Eu perguntei para ela o porquê de tanta alegria, e ela disse que havia reconhecido o endereço: a entrevista era para uma oportunidade na TOTVS!".

Numa história cheia de batalhas, como não podia deixar de ser, mesmo após receber a notícia sobre o tão desejado emprego, as conquistas também vieram acompanhadas de muito suor e dedicação.

Um pessimista poderia dizer que uma garota, negra, moradora da periferia de Diadema, estudante de escolas da rede pública, dificilmente teria chances de conseguir uma oportunidade de emprego em uma grande empresa multinacional do ramo de tecnologia, na cidade de São Paulo. Mas Bia nunca soube o significado da palavra "pessimismo", muito pelo contrário, seus valores sempre a incentivaram a não medir esforços e agarrar as oportunidades com unhas e dentes: mudou o turno da escola, deixou as brincadeiras e o tempo livre para trás e encarou com muita determinação uma rotina bastante corrida, que começava às seis da manhã, incluía ônibus, trólebus, metrô e fretado, e terminava depois das dez da noite, quando, cansada, mas satisfeita pelas lições aprendidas, Bia refletia sobre os passos que a guiavam rumo a sua independência e aos seus objetivos de vida.

> *"Uma coisa que eu sempre agradeço é a oportunidade que o IOS me deu. Hoje eu tenho meu emprego, tenho um salário legal e isso tem sido fundamental para mim. Vou dar um exemplo simples, há duas semanas eu e minha mãe estávamos esperando para entrar em um apartamento e, para que isso acontecesse, tínhamos que pagar um valor. Eu não tinha como arcar com aquele valor, então fui ao banco e consegui um empréstimo. Aí eu penso: se eu não tivesse um salário legal, se eu não estivesse em uma empresa legal, provavelmente eu não teria acesso a esse dinheiro e não poderia dar uma vida melhor para a minha mãe."*

Hoje, além de sustentar a casa, pois sua mãe está desempregada, Bia paga sua própria faculdade e assume que se sente o orgulho da sua mãe. Além da gratidão que ela tem pelo IOS, não restam dúvidas de que todo o esforço que ela dedicou à sua educação valeu a pena. E talvez Bia não saiba, mas em uma via de mão dupla, o IOS também tem muito a agradecê-la, pois são histórias como essa que motivam o Instituto a continuar abrindo as portas e inspirando tantas vidas. ■

ALVORADO
MOTO ESC
MOTO
Sejam Bem Vindos

Genilton

O EMPREENDEDOR

NOME: Genilton Reis da Silva

OCUPAÇÃO: Proprietário da autoescola Nova Alvorada

IDADE: 38 anos

NATURAL DE: Diadema (SP)

"Cresci vendo vários amigos meus sendo assassinados, muitos se envolveram com a criminalidade, com o tráfico de drogas. Eu convivi toda a minha infância com essa situação", lembrou Genilton, hoje perto de completar 40 anos. Ele nos contou que, quando criança, viveu um período conturbado. Ele tinha apenas oito anos quando seus pais se separaram. Nessa fase, passada na década de 1980, ele morava em Diadema (SP) e tinha de lidar com um ambiente pesado dentro de casa com seus pais e, fora de casa, com a violência nas ruas.

Na escola, mais dificuldades:

> *"Eu estudava em uma espécie de barraco e atrás passava um esgoto. Além do cheiro, que era insuportável, eu vivia com medo de que aqueles ratos enormes subissem e viessem para cima de mim".*

Ainda assim, gostava de estudar e, na falta de dinheiro para comprar uma mochila, um saco de arroz era o que precisava para levar seu caderno e lápis nas costas.

> *"Eu sabia que para chegar em algum lugar tinha que ser pelo estudo", conta ele.*

Esse cenário de dificuldades começou a mudar quando entrou pela primeira vez na Obra Social São Francisco Xavier (OSSFX), onde diz que foi recebido com um carinho tão grande que nunca tinha conhecido no ambiente de desentendimentos em que vivia. *"Lá eu tinha refeições com todos, tinha 'boa tarde', tinha abraço, afeto. Mas, em casa pouco se tinha abraços."*

Apaixonou-se por aquele lugar – que passou a frequentar na época da separação dos pais – desde o começo, e lá conheceu a Irmã Lucina, figura que até hoje tira lágrimas dos olhos de Genilton, um gigante de quase dois metros de altura.

> *"A Irmã Lucina foi minha mãe. Tudo que eu aprendi até hoje como homem foi com a Irmã Lucina. Ela me ensinou a respeitar o espaço dos outros, a ser verdadeiro, a amar o próximo; até comer com garfo e faca eu aprendi com ela. Um dia me perguntou o que eu queria ser. Eu respondi: jogador de futebol. Ela disse, então vamos realizar seu sonho",* contou com a voz cheia de emoção.

E dedicando-se para conquistar esse sonho, Genilton começou a treinar na escola de futebol do Corinthians. A Irmã deixava café da manhã pronto para ele passar na Obra e comer antes de ir para os treinos. A ajuda era fundamental na rotina puxada do menino. Além da dedicação ao esporte, com 14 anos ele já trabalhava como *office boy* e, ao longo da adolescência, trabalhou em projetos profissionalizantes da OSSFX, aprendendo na linha de montagem de uma indústria de cadeados a respeitar horários, espaços e funções; e a ser comprometido com suas tarefas.

Genilton não seguiu na carreira de jogador de futebol – apesar de disputar quatro campeonatos paulistas como jogador profissional, teve que abandonar a carreira por conta de suas lesões –, mas em um dos projetos da Obra encontrou o ofício que seria o início de sua jornada empreendedora: a panificação.

Na OSSFX funcionava uma padaria sem fins lucrativos onde Genilton começou a trabalhar; aprendeu a fazer pães e doces, passou a cuidar das rotinas administrativas e chegou a liderar e administrar o negócio. Nesse trabalho também entrou em contato com outro ponto de transição da sua vida, um sistema de gestão implantado na padaria pelo Instituto da Oportunidade Social (IOS).

Foi assim que Genilton conheceu o IOS, onde, pouco depois, já aos 20 anos, foi convidado pela professora Gil (Gilvane Claudia Minhoto) e se matriculou, na esperança de melhorar de vida.

> *"Eu fiquei apaixonado pelo IOS e pela professora Gil, que é uma pessoa nota mil e devia ser minha sócia pelo tanto que ela já me ajudou. Tudo o que eu aprendi no Instituto eu utilizo até hoje nos meus negócios."*

Muito diferente da escola que conheceu na sua infância, no Instituto ele encontrou o ambiente ideal para que pudesse aprender. *"O que mais me chamou a atenção no IOS foi a questão da organização que havia ali, pois quando você chega em um ambiente de estudo em que você tem materiais adequados e recursos humanos de qualidade, fica muito mais fácil aprender. E também as pessoas, porque quando você é respeitado como ser humano, você passa a se sentir valorizado"*, disse ele.

Já formado, o espírito empreendedor de Genilton falou mais alto quando recebeu a notícia que iam fechar a padaria que ele trabalhava dentro da Obra. Aos 21 anos, com o conhecimento do negócio que adquiriu trabalhando lá e o conteúdo que aprendeu no IOS, Genilton propôs à OSSFX comprar os equipamentos, pagar em parcelas e, assim, abrir sua própria padaria em sociedade com outro funcionário da Obra. A ideia deu mais do que certo e, em menos de dois anos, os sócios já tinham pagado tudo que deviam e o negócio ia muito bem.

Além da educação recebida e do ofício que iniciou sua carreira, Genilton continuou encontrando na Irmã Lucina o apoio que precisava para seguir prosperando. Quando se casou ela o deixou viver com sua esposa em um apartamento que estava vago nos fundos da Obra e, com o dinheiro que Genilton economizou em aluguel, cinco anos depois comprou sua casa própria.

A evolução na história de vida desse jovem dedicado não parou aí. Depois de vender a padaria, foi convidado para trabalhar em uma rede de autoescolas dos seus cunhados e aceitou o desafio. Com seu DNA de líder e de empreendedor, em pouco tempo já era o administrador da autoescola. Sua vida profissional não parava e as muitas transformações e desafios não assustavam Genilton.

Candidatou-se a vereador, não foi eleito, mas não se abalou: montou sua própria rede de autoescolas e o negócio há oito anos vem prosperando.

> *"Eu gosto de desafios. Para mim, o maior deles que já tive foi estudar perto do esgoto, com rato subindo e descendo, numa época em que eu e minhas irmãs disputávamos o farelo do pão que sobrava nas nossas humildes refeições."*

Apesar da perseverança nos negócios, em seu coração Genilton carrega a vontade de continuar o trabalho da Irmã Lucina e poder, quem sabe um dia, fazer o mesmo papel dela de *"uma pessoa iluminada que veio a Terra para se disponibilizar a ajudar outras pessoas"*, descreveu ele.

Hoje carrega com dedicação e amor o sonho que tem desde a infância. Casado, dono de sua rede de autoescolas e pai de dois filhos, Genilton é diretor voluntário da OSSFX, apoiando os eventos da instituição e a administração geral nas reuniões

de diretoria. Além disso, Genilton realiza, com a sua esposa, o trabalho de ajudar casais em crise. Ainda atua em outra função para a sociedade: é suplente de vereador em Diadema e, por ser conhecido por muitos na cidade, pretende se candidatar novamente como vereador nas próximas eleições. Na sua visão, esse é o caminho para retribuir à sociedade os benefícios que o trabalho social trouxe para a sua vida.

Jefferson

MULTIPLICANDO OPORTUNIDADES

NOME: Jefferson Gregório dos Santos

OCUPAÇÃO: Proprietário da J2 Consult

IDADE: 26 anos

NATURAL DE: Diadema (SP)

Criado em uma família simples e batalhadora, Jefferson nasceu e cresceu no bairro Parque Real, em Diadema (SP). Seus pais saíam para trabalhar ainda de madrugada e só voltavam no começo da noite, mas procuravam estar presentes em sua vida e dar os melhores exemplos.

> Eu me orgulho da minha família, que *"sempre batalhou para ter o pouco que tinha e sempre foi muito honrada".*

Por causa do horário de trabalho dos pais, de manhã Jefferson ia para a escola – onde fazia muita bagunça, mas mantinha as notas acima da média – e de tarde ficava com a tia, assistindo TV com os familiares. Sem irmãos, driblava a solidão de ser filho único brincando com os mais de 30 primos. Ele era o mais novo e, por isso, lembra que *"rolava muita zoação"* e era o alvo favorito das brincadeiras: *"não tinha nada dessa história de ser café com leite"*, disse ele.

Essa era a sua rotina até os sete anos, quando começou a passar a tarde na Obra Social São Francisco Xavier (OSSFX) e conheceu algumas pessoas que mudariam sua vida, como a Irmã Lucina. *"Ela era uma mãezona, sabia o nome e os problemas de todas as crianças da Obra. Eu acho que se houve alguém nesse mundo que merecia viver para sempre, era a Irmã Lucina"*, contou Jefferson com os olhos cheios de lágrimas.

Ao ser recebido pela Obra ele diz que passou a ver as coisas de outro jeito, com outros valores, já que ali todos se gostavam e se respeitavam muito. *"Se um colega tinha um tênis rasgado, por exemplo, em vez de ficar rindo dele, a gente fazia uma vaquinha e dava um par de tênis novo"*, relembra.

Mas todos os valores que vieram dessa convivência não evitaram que Jefferson, já adolescente, fizesse coisas erradas das quais se envergonha até hoje. Começou a andar com más companhias e praticar pequenos atos em docerias e supermercados. *"Eu não precisava fazer aquilo, mas era uma coisa de moleque, de provar para os amigos que tinha a coragem de ir lá e fazer."*

A fase foi curta e terminou quando um comerciante do bairro contou para seus pais que, muito bravos e desapontados, o chamaram para uma conversa que mudou sua vida:

> *"É horrível ver sua mãe triste com você. Enquanto ela me dava uma bronca, ela chorava, e isso partiu o meu coração"*, disse bastante comovido.

Depois do castigo dos pais, foi novamente na Obra Social que Jefferson encontrou o acolhimento e os valores que precisava para se recolocar no caminho da honestidade. Dali para frente as coisas só melhoraram.

Com 15 anos, idade limite para frequentar a Obra, Jefferson já trabalhava e se inscreveu para um curso no Instituto da Oportunidade Social (IOS), que já queria fazer há anos, mas ainda não tinha idade. *"Eu era louco para mexer no computador"*, contou.

No Instituto, conheceu outra pessoa que entrou em seu caminho para ajudar a mudar sua vida: a professora Gilvane Claudia Minhoto – a Gil –, que mostrou para ele uma estrada imensa para novas conquistas:

> *"Eu sempre falo para a Gil que a minha gratidão para ela era a minha vida. Quando eu fiz o curso no IOS, um mundo de portas se abriu. Eu aprendi muito a aceitar as diferenças. No trabalho de conclusão de curso ela coloca pessoas muito diferentes para trabalhar juntas e o que menos entende do assunto para liderar o grupo. A gente aprendeu a respeitar o líder e ajudar a todos para o grupo ter sucesso".*

Concluindo o curso, a percepção dessa transformação que estava acontecendo ficou ainda mais clara, pois a professora Gil o convidou para ser monitor de uma turma no IOS como voluntário. Ele ficou surpreso pelo reconhecimento: *"eu pensei que, se ela estava me dando essa oportunidade, é porque via coisas boas em mim. Eu precisava descobrir essas coisas e me sentir mais confiante. Foi onde eu percebi o que eu poderia ser".*

Esse trabalho no IOS também trouxe ensinamentos nas suas relações com outras pessoas. Ele se dizia impaciente para ensinar e compartilhar conhecimento, mas, tendo que ajudar outros alunos no processo de aprendizado, Jefferson sente que melhorou seu jeito de ser e que isso tem sido importante na sua vida.

Depois da monitoria, outra surpresa: indicado pela professora Gil – novamente o ajudando a abrir portas –, Jefferson foi chamado para uma entrevista na TOTVS, onde passou por um processo seletivo concorrido, com várias etapas de entrevistas e, depois da angústia da espera por respostas, conseguiu a vaga. Ele se lembra

da felicidade com a primeira conquista profissional: *"Foi uma alegria imensa, saí gritando pela casa, pulando na sala, se eu tivesse um rojão tinha estourado na hora"*. Seus pais, além de comemorarem a conquista, apoiaram o filho dizendo que ele tinha que aproveitar a oportunidade. Enquanto isso, na cabeça dele, passava um filme do que tinha acontecido até ali; se um dia ele foi uma decepção, naquele momento era motivo de orgulho para os pais.

Jefferson trabalhou na área de implementação de *softwares* da TOTVS por três anos e, no mesmo período, fez faculdade de Gestão de Recursos Humanos. Há um ano, deixou a companhia em busca de um novo desafio: abriu a sua própria empresa aos 25 anos! A J2 Consulting nasceu em 2014, oferecendo consultoria em *software* ERP* TOTVS de forma especializada no setor de distribuição e logística, levantando o detalhamento de processos e pensando em pontos de melhoria, analisando suas rotinas administrativas, as bases de dados e sugerindo mudanças para seus clientes. Segundo Jefferson, a empresa está funcionando a todo vapor, apesar da dificuldade e da burocracia de ser empreendedor. Jefferson continua alimentando o ciclo do bem que beneficiou sua vida: agora, na posição de empresário, vem ao IOS procurar novos talentos para a empresa.

Em 2015, o ex-aluno foi convidado pelo IOS para ser mestre de cerimônias na formatura de uma turma. Ele contou que foi sensacional ver o rosto daqueles jovens felizes por estarem se formando. *"Eu também estive ali"*, disse, e nessa experiência, que misturou seu passado com o presente daqueles alunos, todos estavam olhando para o futuro, com a esperança de dias cada vez melhores a partir da educação, do trabalho e da dedicação. ■

* ERP, em inglês *Enterprise Resource Planning*, trata-se de um *software* que integra todos os dados e processos de uma Organização em um único sistema.

PENALTY

Jucelino

DEDICAÇÃO SOBRE DUAS RODAS

NOME: Jucelino Lopes da Rocha Cunha Filho

OCUPAÇÃO: Técnico de Suporte na TOTVS

IDADE: 20 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Jucelino é um rapaz de 20 anos, formado em Gestão da Tecnologia da Informação, que trabalha na TOTVS, uma das maiores empresas de tecnologia do País. Atuou na série Pedro e Bianca da TV Cultura, adora jogar basquete, ouvir música e jogar *games* no computador. Essa história, que só pela diversidade de talentos de Jucelino já é super interessante, ganha mais destaque por um motivo em particular: Jucelino nasceu com Mielomeningocele, uma malformação congênita da coluna vertebral que afetou seus membros inferiores. Desde os cinco anos de idade sua principal forma de locomoção é a cadeira de rodas.

Morador da periferia da zona leste de São Paulo (SP), Jucelino vive com os pais e a irmã mais nova, e tem a perseverança como principal marca. Ouvindo-o falar sobre sua vida fica evidente o quanto ele é um rapaz de personalidade, que se empenha para encontrar seus caminhos e resolver os desafios que aparecem na vida, não importa quanto tempo ou esforço precise impor para isso. Desistir não é uma opção.

Durante sua infância e adolescência, ele frequentou escolas públicas que, naquela época, não tinham nenhum tipo de acessibilidade física ou treinamento especial para professores e colaboradores receberem pessoas com deficiência. Logo no primeiro dia de aula, com o apoio de sua família, Jucelino enfrentou o desafio de ser o único deficiente dentro da escola.

Como parte do cenário nacional, é sabido o quanto é difícil trazer o aluno com deficiência para as salas de aula. A falta de conhecimento inibe as famílias a darem este passo: tirar o filho de dentro de casa e levá-lo para a rotina escolar, acreditando no seu potencial e respeitando as limitações de aprendizagem de cada um.

> *"Eu era a única pessoa com deficiência dentro da escola, tanto que isso gerava uma curiosidade muito grande, uma atenção maior por parte dos professores e alunos."*

Ele lembra que a curiosidade das outras crianças foi uma boa porta de entrada para os vínculos de amizade que criou na escola, e conta que nos intervalos emprestava sua cadeira para os seus amigos andarem nela, e nessa "brincadeira", tanto Jucelino quanto seus amigos tiveram grandes aprendizagens.

Sem deixar que os problemas barrassem o seu desenvolvimento, aos 15 anos, Jucelino estava lendo o jornal quando viu um anúncio que iria mudar a sua vida: "O Instituto da Oportunidade Social (IOS) oferece capacitação para jovens com e sem deficiência". Ele não pensou duas vezes! Ligou para o IOS e descobriu que o Instituto contava com cursos gratuitos e encaminhamento para o mercado de trabalho. Ele se matriculou e passou a frequentar as aulas com uma assiduidade que chamou a atenção dos seus professores.

A jornada de casa para a Unidade do IOS em Itaquera não era fácil, Jucelino – sempre acompanhado de seu pai – tinha que ir até o ponto de ônibus, esperar um veículo adaptado, embarcar com o elevador (uma tarefa muitas vezes difícil), descer, pegar mais um ônibus e ainda percorrer ladeiras íngremes até chegar na Obra Social Dom Bosco. As dificuldades enfrentadas ao longo do trajeto eram ainda maiores quando, por exemplo, tinham buracos nas calçadas ou quando o pneu da sua cadeira furava. Em algum desses momentos, seu pai teve que carregá-lo no colo para que ele não perdesse a aula.

Tanto esforço valeu a pena! Durante o curso no IOS, Jucelino teve o seu primeiro contato em um nível mais aprofundado com o computador. Na época ele não sabia, mas conhecer mais sobre o mundo da tecnologia abriu uma nova porta para aquele jovem que até então sonhava em ser médico. *"No IOS recebi uma bagagem que foi muito importante para a minha vida"*, contou.

Foi no IOS também que ele passou a ter um contato mais frequente com outras pessoas com deficiência, como surdos, pessoas com a capacidade de visão reduzida e outras pessoas com dificuldades de locomoção. Essa convivência foi muito importante para que encarasse a sua própria deficiência de outra maneira.

> *"Se você tem a capacidade de socializar tanto com pessoas com deficiência quanto sem deficiência, será uma pessoa completa, pois não vai ter aquela visão superficial da deficiência que a maioria das pessoas tem atualmente e poderá melhorar o seu trato com todos os seres humanos",* reflete ele.

Ao final do curso, por conta de ter apenas 15 anos de idade, sua tão sonhada entrada no mercado de trabalho teve que esperar um pouquinho, mas três anos mais tarde, aos 18, ela finalmente aconteceu. Já cursando faculdade de Tecnologia da Informação, ele encontrou uma vaga de jovem aprendiz na TOTVS, mandou seu currículo e, depois de uma série de entrevistas, foi contratado.

Jucelino, sua irmã e seu pai, amor que permite conquistar sonhos.

O começo de seu trabalho na empresa marcou também a volta de Jucelino ao IOS, onde participou do Programa IOS Aprendiz. Sua rotina semanal incluía quatro dias trabalhando na empresa de *software* e um dia frequentando as aulas no Instituto.

Muito responsável, Jucelino foi efetivado e lá trabalha até hoje – já são quase dois anos na empresa – como técnico de suporte, superando dia a dia uma rotina que ainda não é fácil: ônibus adaptado, duas linhas de metrô e uma caminhada sobre rodas até o escritório. Toda essa dedicação proporcionou a sua independência financeira, e o deixa cada vez mais perto de comprar o desejado carro adaptado.

> *"É maravilhosa a sensação de ver aquilo que eu conquistei com meu trabalho, meu suor, e saber que todo o meu esforço gerou um benefício enorme para minha vida."*

É claro que Jucelino faz questão de dividir seus méritos com a sua família, em especial, com o pai, que se tornou uma espécie de anjo da guarda. *"Uma vez, durante o treino de basquete, um senhor disse para a gente: 'eu tenho 65 anos e meu pai nunca quis saber de mim, nunca quis me ver jogar', e isso deixou meu pai muito emocionado, pois ele entendeu a importância dele na minha vida. Eu sempre tive o suporte da minha família e acredito que nada do que eu fiz até agora seria possível se não tivesse isso"*, revela ele, enquanto o pai esconde as lágrimas do outro lado da sala.

Lucienne (à esquerda) e Juliana (à direita).

NOME:	Juliana de Sales Pinho	Maria Lucienne Moreira Pinheiro
OCUPAÇÃO:	Analista Administrativa na Claro	Líder da Unidade do IOS no Rio de Janeiro
IDADE:	26 anos	38 anos
NATURAL DE:	Rio de Janeiro (RJ)	Rio de Janeiro (RJ)

Juliana e Lucienne

ENCONTROS QUE TRANSFORMAM

Nascidas em Guadalupe, um bairro muito violento do Rio de Janeiro (RJ), **Lucienne Moreira** e **Juliana Sales** têm histórias de vida bem diferentes. Se **Juliana** foi marcada pela perda precoce de sua mãe, **Lucienne** teve como divisor de águas o nascimento de seu primeiro filho e a realização do sonho da maternidade. Mesmo vivendo a poucas ruas de distância, os caminhos dessas duas mulheres de coragem só se cruzaram graças ao Instituto da Oportunidade Social (IOS) e, a partir desse encontro, surgiu uma linda amizade.

A mais velha entre três irmãs, **Lucienne** nasceu no final da década de 1970 e passou a maior parte da infância dentro de casa brincando com a sua irmã do meio. Nem seu pai, funcionário federal, nem sua mãe, dona de casa, esperavam o nascimento da terceira filha, que chegou quando **Lucienne** já tinha 15 anos. A tão esperada fase das festas e dos bailinhos teve que esperar um pouco mais, pois durante a adolescência a jovem e sua família se dedicaram com alegria à criação da caçula.

Juliana, por sua vez, nasceu em 1989 e viveu em meio a uma numerosa família. No mesmo prédio em que morava com seus pais e seu irmão, viviam seus sete tios paternos e, com eles, uma porção de primos sempre prontos para brincar. Em um ambiente tão acolhedor, não faltavam as festas e os churrascos, que reuniam todo mundo:

> *"Na minha família não tinha festa pequena, porque se a gente chamasse 'só a família' para qualquer evento já era muita gente!"*, lembrou Juliana.

A transformação que marcou a vida de **Juliana** rompeu o dia a dia alegre e harmonioso da família com um trágico golpe quando ela tinha 12 anos: sua mãe ficou doente e faleceu, deixando uma grande tristeza e um vazio que nunca mais foi preenchido. Voltar à rotina era impossível. *"Eu lembro que meu pai saía para trabalhar e não tinha mais ninguém em casa"*, contou. Com a tragédia ela teve que assumir algumas tarefas domésticas - como cozinhar, lavar e cuidar do irmão – e seu pai caiu em uma profunda depressão, se tornando abatido, ausente.

Na vida de **Lucienne**, por sua vez, o ponto mais marcante da sua memória veio de uma boa notícia: o encontro de sua primeira paixão, aos 19 anos. Ela trabalhava na parte administrativa de uma escola de informática, quando um professor teve que sair de licença e precisou de uma pessoa para substituí-lo por um semestre. A vaga, ainda que temporária, foi oferecida a ela, que já havia feito alguns cursos de informática. Ao dar a sua primeira aula ficou clara a sua vocação. *"Eu me apaixonei por sala de aula"*, contou.

A segunda paixão profissional de **Lucienne** se revelou quando ela tinha 23 anos. Em 2000, após dar à luz ao seu primeiro filho, ela foi trabalhar dando aulas de informática em um projeto criado para comemorar os 50 anos do estádio do Maracanã, na comunidade da Mangueira, e teve seu primeiro contato com o trabalho social.

> *"Era um público muito diferente, senti que ali eu poderia fazer a diferença"*, disse Lucienne com orgulho.

Pouco tempo depois de ter contato com o terceiro setor, quando **Lucienne** estava trabalhando na área de TI de uma grande rede varejista, ela soube de uma oportunidade para ser professora de informática no Instituto Bola Pra Frente, que tinha sido inaugurado a poucas quadras da sua casa, em Guadalupe. Ela se candidatou à vaga e aceitou ganhar um salário três vezes menor do que estava ganhando. *"A causa era maior do que o dinheiro"*, contou. Além disso, o novo trabalho permitiu que **Lucienne** ficasse mais próxima de seu bebê, e participasse mais ativamente da educação do filho. Alguns anos mais tarde, o Bola Pra Frente se tornou parceiro do IOS, que assumiu todo o ensino de informática no Instituto carioca. Foi assim que **Lucienne** se tornou professora do IOS.

Juliana chegou ao IOS de uma forma bem diferente: após seu pai se casar novamente, a jovem ganhou mais dois irmãos – filhos do primeiro casamento da sua madrasta. Esses jovens haviam passado pelo Instituto e estavam trabalhando na Claro, o que levou **Juliana** a procurar o IOS e tentar seguir o caminho dos irmãos.

Ao chegar à primeira aula do Instituto, **Juliana** encontrou uma pessoa que iria desempenhar um papel muito importante na sua vida: **Lucienne**. A professora lembra bem das suas primeiras impressões da aluna.

> *"A Jú era uma menina triste e ainda muito abalada pela sua tragédia familiar; no olhar dela era possível perceber uma tristeza profunda"*, contou Lucienne.

Do outro lado, **Juliana** encontrou no IOS a voz doce e o jeito meigo de **Lucienne**, que além de ser professora, acabou assumindo – simbolicamente – os papéis de médica, psicóloga e até de mãe da sua querida aluna. Em pouco tempo a relação das duas ultrapassou o limite da sala de aula e **Juliana** passou a frequentar a casa de **Lucienne**, conhecer a sua família e a encontrar naquela pessoa mais do que uma professora, uma verdadeira amiga.

Hoje **Lucienne** não esconde a admiração que sente pela ex-aluna. *"A **Jú** não se deixou levar pelas circunstâncias, nas aulas ela era dedicada, inteligente e muito disciplinada"*, contou a professora. Após o curso, **Juliana** começou a trabalhar no Bola Pra Frente e se tornou companheira de trabalho de **Lucienne**. Logo depois ela foi para a TOTVS, e manteve a sua ligação com o Instituto.

> *"Às vezes eu me pergunto como teria sido minha vida sem o IOS, pois eu sei que tudo que eu tenho devo ao Instituto"*, disse Juliana.

Atualmente, **Juliana** trabalha na Claro, empresa onde sempre sonhou estar. Ao ouvir da ex-professora que *"a **Juliana** de hoje é completamente diferente daquela que chegou ao IOS há 10 anos"* ela reage com humildade, reconhecendo também que o papel de **Lucienne** foi fundamental para que ela alcançasse seus objetivos. No entanto, ela se considera uma lutadora e sabe que não foi fácil chegar até onde chegou.

"Hoje eu tenho uma vida bem sucedida, mas eu escolhi ser assim. Passei por momentos muito difíceis, mas eu escolhi viver e sorrir", disse Juliana emocionada.

Lucienne continua a trabalhar no IOS, mas agora na posição de líder da Unidade do Instituto no Rio de Janeiro. *"Eu amo educação, amo o que eu faço. O IOS tem um sentido muito maior para mim"*, disse ainda apaixonada pelo IOS, 15 anos após a sua primeira aula para o público do terceiro setor.

A amizade entre **Lucienne** e **Juliana** continua muito forte, e o apoio que uma é capaz de dar para a outra permanece incondicional. É uma história linda, que nasceu dentro do Instituto e ganhou as páginas da vida. Um verdadeiro orgulho! ■

Loga

Julio Cesar

UMA ESTRADA DE APRENDIZADOS

NOME: Julio Cesar de Carvalho

OCUPAÇÃO: Líder Operacional na LOGA

IDADE: 40 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Quase dois metros de altura e um vozeirão potente são as características visíveis mais marcantes de Julio Cesar, o Julião. Mas as marcas invisíveis, que acompanham sua história, são ainda mais impressionantes.

Nasceu em 1975, na cidade de São Paulo, é o mais velho entre oito irmãos que vieram depois. Filho de mãe solteira - até hoje Julião tenta descobrir o nome de seu pai biológico –, foi criado pela avó em Guaianazes, periferia da zona leste da capital paulista, já que sua mãe trabalhava fora a semana toda como empregada doméstica.

Da época em que era criança lembra principalmente dos ensinamentos e valores dos avós. Ela, uma senhora ao mesmo tempo amorosa e durona, cuidava para ter Julião sempre por perto e, segundo ele, só depois dos sete anos de idade teve mais liberdade para que ele e suas primas saíssem de casa, para brincar com a molecada na rua. A avó queria se precaver para que os netos não se envolvessem com a violência do bairro e era rígida em sua educação.

> *"Lembro que quando eu levava um corretivo, minha avó dizia: 'eu bato em vocês com amor, se a ROTA* bater em vocês vai ser com ódio",* conta ele.

Do avô traz a referência de paciência e perseverança, relembrando que *"ele era paciente e fazia o que fosse preciso para sustentar a família. Eu hoje também penso assim, se tiver que catar latinha eu vou e não me preocupo com o que os outros vão achar. Era o que meu avô sempre me dizia"*.

Mesmo com o começo da infância com rédeas curtas dos avós, Julião foi um aluno sem disciplina nas escolas públicas em que estudava, vivia brigando e indo para a sala da diretoria. Com 14 anos, ainda na sexta série do Ensino Fundamental II (antigo ginásio) abandonou a escola, começou a trabalhar como *office boy* e aí o "garoto problema" da sala de aula ganhou as ruas. No trabalho, Julião andava pela cidade com

* Rondas Ostensivas Tobias Aguiar, conhecidas como "ROTA", modalidade da Polícia Militar de São Paulo.

dinheiro da empresa para pagar as contas e passou a cair na tentação de pegar uns trocados para jogar fliperama. A situação foi ficando frequente até que a empresa descobriu e ele foi demitido do seu primeiro emprego, momento que ele diz ser o começo de sua descida ao fundo do poço. Daí para a frente Julião não parava em nenhum emprego e, por isso, decidiu trabalhar por conta própria como vendedor de doces no trem.

Com apenas 16 anos descobriu a noite, as festas, as bebidas, a maconha e conheceu uma menina, com quem foi morar. Assumiu um filho que ela esperava – o Jonatan, que trata Julião como pai até hoje –, aos 17 anos teve sua primeira filha, a Juliana, e com 19 a segunda, Janaina. Nesse meio tempo entre o nascimento de suas filhas, seus avós morreram e Julião perdeu completamente o chão e suas referências de uma vida honesta e digna: conheceu outras drogas, se separou da mulher e só queria saber dos amigos e das festas. *"Eu cheguei até um ponto que eu encontrava pessoas, pegava o dinheiro delas e ia embora. Eu já não tinha limites na vida"*, conta.

Começou também a esconder barras de chocolate – para vender no trem – no fundo de caixas de água, pagando só pelas águas. Com o tempo a traquinagem do jovem Julio se transformou em um esquema com outros colegas, quando furtavam todos os tipos de produtos. Inevitavelmente, Julião foi pego, passou sua primeira semana na cadeia, e depois que saiu continuou com os golpes, sendo pego mais duas vezes e aumentando seu tempo na cadeia em alguns meses.

"Dessa época até trago algumas lembranças boas. Passava o programa TV Colosso que tinha o 'Roberval,

o ladrão de chocolates' e os caras da cadeia me chamavam de Roberval. Quando saí da cadeia na Vila Sônia, depois de um mês e meio, senti até saudades desses caras que conseguiram fazer daquele lugar ruim um bom ambiente."

Com 22 anos se afundou ainda mais com o uso de novas drogas: *"fiquei completamente dependente, entrei em outra etapa da vida e comecei uma fase muito difícil, com problemas mentais, em que eu não conseguia falar coisa com coisa e não tinha noção das minhas atitudes. Virei um andarilho e cheguei no último nível que uma pessoa pode chegar"*, conta Julião.

Nessa situação, chamou a atenção da polícia pelo seu estado mental e, com antecedentes criminais, ficou mais sete meses na prisão. Liberado, passou pouco tempo na rua e começou uma fase de ir e voltar de hospitais psiquiátricos, onde viveu os momentos que considera os mais difíceis da sua história até hoje. Ele conta que nem nos hospitais, tratado a base de remédios fortes, conseguiam aguentá-lo: *"me falaram que eu ia ter que ficar cinco anos no manicômio, mas aquele lugar era um inferno tão grande que a cadeia parecia um paraíso. Tentei fugir, fiz bastante bagunça e acabaram me mandando embora de lá em dois meses"*.

Fora do hospital, Julião entrou em depressão: *"nada estava bom para mim, nada tinha graça, eu só ficava pensando como eu ia fazer para me matar, tentei várias vezes me jogar na frente de trens, mas desisti".* Nesse momento crítico, sua tia, que era bem próxima em sua infância, o acolheu. Julião respeitou tanto sua ajuda que passou a tentar viver uma vida regrada, voltando para casa ao anoitecer e frequentando junto com ela um centro espírita, que ele odiava no começo.

Com o tempo e com os tratamentos espirituais que ofereciam lá, Julião começou a estudar e praticar a religião, percebeu as pessoas confiando nele, mesmo sabendo de toda sua história, e assim encontrou o apoio fundamental para largar todos os seus vícios e começar a renascer.

> *"Na vida a gente tem que ter alguma coisa que nos sustente. A religião, o estudo, o trabalho, alguma coisa que faça você ter um foco na mente. Se não tiver essa ocupação, dá espaço. Como diz o ditado: mente vazia, oficina do diabo."*

Na nova etapa da vida, até a relação de Julião com a polícia mudou. Ele começou a namorar uma policial, o que foi mais um incentivo, já que ela tinha uma condição muito melhor, ganhava bem, fazia faculdade e trabalhava. Ele se sentia envergonhado e quis ir atrás! Com 24 anos se matriculou em um supletivo, voltou a estudar e, um ano depois, surgiu a oportunidade de trabalhar na coleta do lixo. Ao conseguir o trabalho, nem quis saber

o salário ou o horário, a única coisa que importava era que alguém estava acreditando nele de novo e essa podia ser sua chance de dar a grande virada que queria na sua vida.

> *"O Jurandir, que me contratou, eu levo até hoje como um tio e tenho muita gratidão por ter acreditado em mim e dado a oportunidade. Quando me deram o uniforme, fiquei tão feliz que cheguei em casa, vesti a roupa de gari e fiquei pulando de alegria na frente do espelho. Pensei comigo: de hoje em diante todos os dias vou levantar de manhã e agarrar essa oportunidade. Isso já vai fazer 15 anos"*, contou ele.

Julião foi gari por dez anos – sem nunca ter parado de estudar – até que um problema da coluna fez com que fosse afastado do emprego por duas vezes. No segundo afastamento, o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) cadastrou Julião no curso de capacitação profissional para reabilitandos do INSS, que é fornecido pelo Instituto da Oportunidade Social (IOS).

"Eu já tinha na minha mente: o que eu vou fazer da minha vida? Não vou conseguir voltar como coletor de jeito nenhum. Cheguei no IOS, olhei para aquele computador e para a professora – que era a cara da minha tia – e achei que não ia durar uma semana lá. Eu não queria estar lá, fui obrigado pelo INSS a fazer este curso. Eu nunca me imaginei aprendendo informática. Depois formamos um grupo maravilhoso, minha professora virou o amor da minha vida, uma pessoa excelente que me ensinou muito. A gente percebeu que tinha sim uma chance para poder crescer", disse ele.

Nos três meses de curso, Julião criou um vínculo muito forte com seus colegas de sala de aula e na cerimônia de formatura fez um discurso contando sua história de superação, que fez todo mundo chorar.

O fim do curso marcou também a volta de Julio Cesar à empresa em que trabalhava, em uma nova condição. Com os conhecimentos do curso, em 2012, conseguiu uma vaga no time de operação e planejamento das ações de coleta de lixo da cidade.

"Aos poucos fui prestando atenção no que faziam e na parte operacional, então, eu fiquei muito bom em passar informações e capacitar as pessoas. Consegui uma promoção, depois de dois anos como auxiliar, agora virei líder operacional de 22 equipes de coleta e tenho conseguido desenvolver meu trabalho nas comunidades atendendo aos munícipes."

Hoje Julião é casado e sua esposa sempre o apoia na superação de desafios. Os dois tiveram duas filhas, ele conseguiu comprar sua casa e trabalha em um cargo de liderança numa grande empresa internacional, referência para as empresas do grupo em outros países. Porém, ele não para por aí, continua com a mesma garra que o fez mudar sua vida: *"hoje acordo às 3 horas da manhã todos os dias, feliz como no primeiro dia em que coloquei meu uniforme e levo comigo a frase de uma música do Zeca Pagodinho, que diz que 'quem de paz se alimenta, se contenta com migalhas, não se aflige e corrige as próprias falhas', porque o maior milionário do mundo é aquele que tem a paz".* ■

Leidevan

LEVANTANDO VOO

NOME: Leidevan Vieira Monteiro

OCUPAÇÃO: Chefe de Cabine Nacional na TAM Linhas Aéreas

IDADE: 28 anos

NATURAL DE: Iguatu (CE)

"Desde criança meus pais sempre me ensinaram a disciplina de praticar o certo, nunca o errado, independente se você vai ganhar milhões ou não vai ganhar nada."

Calmo e muito inteligente, Leidevan é um jovem prodígio, que passa parte do seu tempo trabalhando a 11 mil metros de altitude, em máquinas construídas com as tecnologias mais modernas e avançadas que existem.

Mas essa história começou com os pés no chão, na pequena cidade de Iguatu (CE), a quase 400 Km da capital Fortaleza, onde Leidevan e sua irmã cresceram sem ter acesso a energia elétrica e saneamento básico, passando o tempo com brincadeiras enquanto seu pai ia para a roça ganhar o sustento da família. À noite eles jantavam a comida feita pela mãe no fogão a lenha, iluminados por lamparinas a gás.

No começo dos anos 90, ainda criança, sua família veio para o sudeste do Brasil buscar uma vida melhor e fizeram seu novo lar na cidade de Ferraz de Vasconcelos (SP), onde o pai de Leidevan tinha conseguido emprego de caseiro de uma chácara, em que passaram a morar, e também ajudava o patrão em sua empresa.

Foi lá que Leidevan começou a estudar, aos seis anos de idade, andando quase 40 minutos a pé todos os dias, cheio de vontade de aprender coisas novas na escola que adorava e que considera até hoje uma referência no ensino público. *"Na escola aprendi valores importantes como o respeito e ganhei conhecimentos muito legais como cuidar de uma plantação por um ano, até a colheita"*, relembrou. Foi também nessa época que Leidevan teve seu primeiro contato com a tecnologia, por meio de um equipamento hoje muito simples para a maioria das pessoas: uma televisão!

Em 2003, conversando com uma amiga, a mãe de Leidevan soube que tinha um Instituto que capacitava jovens a partir dos 14 anos para o mercado de trabalho. Leidevan, nessa idade, já tinha a preocupação de aprender

Leidevan e a Professora Raquel, a quem carinhosamente chama de mãe.

a técnica de uma profissão para logo começar a trabalhar e colaborar com a renda da família. O menino começou então o curso de informática na Unidade do Instituto da Oportunidade Social (IOS) que funcionava dentro do Lar Betânia, no contraturno escolar.

No IOS ele descobriu um mundo novo: com uma infância sem luz elétrica no Ceará e uma vida sem recursos financeiros na cidade grande, Leidevan tinha tido pouquíssimo contato com a informática e com esse mundo de possibilidades.

Ele lembra do começo do contato com a tecnologia: *"quando cheguei ao IOS eu não sabia nem ligar um computador, tive medo"*. Quietinho, no Instituto, Leidevan foi deixando a timidez de lado, aprendeu rápido e começou a ajudar os colegas que tinham um pouco mais de dificuldade, o que chamou a atenção da professora Raquel*, com quem criou laços muito fortes – até hoje os dois conversam sempre e visitam a casa um do outro.

> *"Eu sempre tive a professora Raquel como uma segunda mãe e ela sabe muito bem disso"*, se declarou.

A postura do jovem em sala levou Raquel a convidá-lo para ser monitor das suas aulas ainda em 2003. Um ano depois, ele passou a ser professor voluntário do IOS, o que para um jovem com menos de 20 anos – que tinha seus desejos e anseios de crescer e conquistar o mundo – poderia parecer, para muitos, altruísta demais. Sua família não tinha posses e ele ainda não tinha uma faculdade, uma profissão, ou seja, um trabalho remunerado seria muito bem-vindo para a sua família. No entanto, o aluno aceitou o convite, bastante ansioso, pois não tinha certeza se estava preparado para o desafio, mas foi em frente! Com o apoio da sua professora Raquel,

* É possível conhecer a história da Raquel Augusto na página 74.

e se inspirando em seu dom de ensinar, passou a lecionar informática no mesmo lugar onde aprendeu tudo o que sabia sobre aquilo:

> *"Eu lembro de encontrar meus alunos na rua e ouvir 'professor, professor'. Era uma sensação muito gostosa",* contou orgulhoso.

Os frutos dessa experiência foram colhidos rapidamente, já que por conta de sua atuação como professor no IOS, no final do mesmo ano Leidevan foi convidado para ensinar informática de forma remunerada, no projeto social 100% Jovem, que oferecia cursos de informática para crianças de baixa renda de Suzano (SP), onde deu aulas – paralelamente ao IOS – até o ano de 2007. O salário não era alto, mas permitiu que o jovem se tornasse mais capacitado, pois teve a oportunidade de fazer outros cursos de informática no projeto. Neste período, Leidevan soube de uma vaga para trabalhar na TAM, uma das maiores companhias aéreas do Brasil, e se candidatou para, quem sabe, se aproximar do mundo da aviação que ele achava tão interessante – mesmo sem nunca ter andado de avião. *"Eu nunca tinha nem visto um avião de perto, só voando no céu"*, lembrou Leidevan.

Graças ao aprendizado técnico que ele teve como aluno do IOS e a sua experiência como professor, Leidevan conseguiu reunir as habilidades necessárias para a vaga e, aos 20 anos de idade, passou a trabalhar na TAM como agente de aeroporto e aí sim, pôde começar a ajudar nas finanças da casa. Seis meses depois, o jovem fez sua primeira viagem de avião. *"Naquele dia eu percebi que a aviação estava na veia e que era aquilo que eu ia seguir."* Depois de três anos como agente de aeroporto, Leidevan soube de uma oportunidade para ser comissário de voo e se candidatou.

Como não podia deixar de ser, desde que entrou na TAM ele já se preparava para esse momento estudando a fundo para alcançar o cargo que sonhava. O principal desafio, saber falar inglês, foi superado com os cursos que já vinha fazendo e com a vontade que tinha de conversar com estrangeiros nos aeroportos.

Em 2010, Leidevan deu mais esse importante passo na sua carreira na aviação e virou comissário auxiliar de voo, passando a voar por todo o Brasil, exercendo uma profissão que exige muita dedicação e estudo. Sua paixão por ensinar e se relacionar com as pessoas, que veio com a experiência em sala de aula, também ajudou a direcionar sua carreira. No começo pensava em ser piloto, mas depois preferiu trocar a solidão da cabine de comando pelo contato direto com os passageiros. Cinco anos mais tarde se tornou chefe de cabine, o grau de hierarquia mais elevado da sua profissão no País.

Leidevan segue sonhando alto, mas com muita humildade e gratidão: *"o IOS é minha família, faz parte de mim, trouxe muita coisa boa e eu só tenho a agradecer. Sinceramente, eu não consigo nem imaginar como seria a minha vida se eu não tivesse encontrado o IOS".* ■

Liliane

EDUCAÇÃO COMO VOCAÇÃO

NOME: Liliane Samira Becari Nogueira Domeneghi

OCUPAÇÃO: Professora de Química

IDADE: 28 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Em uma infância cheia do que dizem ser *"o que toda criança deve ter"*, Liliane, hoje com 28 anos, teve muito carinho, felicidade e brincadeiras com seus vizinhos, morando em Poá, na região metropolitana de São Paulo, com seus pais.

Na lista dos brinquedos favoritos dela estavam os lápis e as canetas, com os quais riscava as paredes e as bonecas, porque lembra que adorava escrever desde muito pequena: *"eu ficava imitando as pessoas a escreverem e minha mãe me alfabetizou em casa antes mesmo de eu chegar à escola"*. Conhecendo esse gosto da filha, sua mãe comprou uma lousinha e Liliane ganhou sua primeira sala de aula: os brinquedos e as bonecas de seu quarto.

E esse ambiente escolar continuou muito presente na vida da jovem: aos 14 anos, além do Ensino Fundamental, ela passou a frequentar o curso do Instituto da Oportunidade Social (IOS), que funcionava em um orfanato de Ferraz de Vasconcelos (SP), chamado Lar Betânia. O ingresso de Liliane no IOS não foi tão fácil, quando tinha 13 anos ela tentou se matricular no Instituto, mas descobriu que a idade mínima era de 14 anos:

> *"Fui com minhas amigas me inscrever no curso de informática básica do IOS, mas eu era a mais nova de todas e tinha só 13 anos, um a menos do que a idade mínima que o curso permitia. Mesmo assim preenchi a ficha de inscrição, apesar de ter que apresentar meus documentos, para ver se conseguia! Não deu certo. Eles conferiram meus documentos e eu tive que esperar até o próximo ano!"*

Finalmente matriculada, o objetivo inicial era aprender a usar o computador: *"eu queria e precisava aprender porque tinha muito interesse em jogos e em tecnologia, mas não sabia nem ligar o computador. E, além disso, eu via também ali uma oportunidade para ter um diferencial. Desde muito nova eu já pensava em aprender uma profissão para poder trabalhar"*. Frequentando as aulas no Instituto ela diz que aprendeu muito mais do que isso. Percebeu que aquele trabalho com a comunidade era muito sólido e podia trazer muitas coisas boas:

por dividir o computador com um colega, aprendeu a interagir melhor, colaborar com o grupo e a ensinar. Foi lá também que conheceu uma pessoa que mudou sua vida e a colocou no caminho da profissão que trilha hoje, a professora Raquel Augusto[1].

> *"Ela é o tipo de professora que inspira. Ela pega no pé, puxa a orelha, mas nos faz ter vontade de seguir em frente. A gente não tinha coragem de falhar com a Raquel, porque ela nunca falhava com a gente."*

Com bom desempenho nas provas e muito engajada em ajudar seus colegas a entenderem o conteúdo das aulas, Liliane chamou a atenção da professora Raquel que, durante a formatura, convidou sua aluna para voltar ao Instituto, como monitora. *"O convite da Raquel fez com que eu sentisse que alguém estava acreditando em mim de verdade"*, lembra Liliane. Com certeza a jovem estava dando um passo importante quando aceitou o convite para atuar de forma voluntária no IOS: com o objetivo de ajudar outros jovens, ela mesma estava aprendendo muito e construindo o início de sua carreira como professora!

Depois de poucas semanas nesta função, a professora Raquel avisou: *"semana que vem quem vai dar aula é você"*. Liliane sentiu frio na barriga e alguns arrepios, mas, apesar do nervosismo, no dia da aula ela viu aquelas duas horas na frente dos alunos passarem voando. *"Quando acabou, eu queria mais!"*. Foi nesse momento que ela descobriu sua paixão pelo ensino.

Sendo monitora ao longo de todo o ano, ela teve mais oportunidades de ir descobrindo seu dom. *"A partir do momento em que entrei para o IOS eu nunca mais soube o que era ficar em casa. Eu sempre estava engajada voluntariamente em alguma coisa"*, disse ela. No fim desse ciclo, Liliane recebeu o convite de um ex-aluno do IOS para atuar como professora em um projeto de ensino de informática em Ferraz de Vasconcelos e foi dar aulas

[1] É possível conhecer a história da Raquel Augusto na página 74.

em seu primeiro emprego remunerado. Com o primeiro salário já investiu na carreira: se matriculou em um curso de informática focado em *web design*.

Depois de dois anos no projeto, ao completar 18 anos, ela buscou novos desafios e conseguiu um emprego em uma farmácia de manipulação em São Paulo, onde encontraria a sua segunda paixão: a química. Trabalhando longe de casa, ficou aflita por não ter tempo de estudar, pois passava muitas horas se deslocando. Dedicada, não se acomodou, arrumou um novo trabalho perto de casa e, com isso, a possibilidade de dar o próximo passo: a faculdade de Farmácia.

"Naquela época não tinha ProUni ou FIES[2] e, como meus pais não tinham condição de pagar uma faculdade para mim, eu tinha que trabalhar para estudar, essa era a minha realidade", contou ela.

Na posição de aluna e longe da paixão de lecionar, veio um incômodo e Liliane teve dúvidas sobre qual seria o melhor caminho para sua carreira. Trancou o curso e foi trabalhar como secretária de uma escola municipal de Ferraz de Vasconcelos. *"Foi ali que eu me encontrei de novo"*, contou ela que, ao voltar ao ambiente escolar, percebeu que ensinar era a sua verdadeira vocação. Restava então unir as suas duas paixões: a química e o ensino.

Liliane foi então fazer faculdade de química no Instituto Federal de São Paulo (IFSP Sertãozinho) em Sertãozinho (SP), onde morava parte de sua família. Passou em segundo lugar em um concurso público e foi trabalhar como Gerente Escolar, colocando mais um pé no mundo do ensino. Ainda na faculdade recebeu o Prêmio Lavoisier, homenagem do Conselho Regional de Química, de melhor aluna da turma.

> *"Todos os valores que aprendi no curso do IOS eu levo para minha vida até hoje. Já me perguntaram o que tem de tão bom no curso que só saem de lá profissionais muito bons. A Raquel e seus valores viraram referência e eu incorporei isso no meu dia a dia: seriedade, pontualidade e comprometimento com o que a gente faz. Esses valores e o olhar humanizado que trouxe para minhas aulas fez com que minhas turmas na primeira escola que lecionei fossem sempre as mais cheias, com alunos muito interessados."*

Atualmente, Liliane é mestranda na área de Educação pela Unesp – em Rio Claro (SP) –, professora de química no Centro Educacional Marista e na Escola Estadual Fernando Campos Rosas na cidade de Ribeirão Preto (SP). Das paredes riscadas em casa na infância para a responsabilidade de educar centenas de jovens, a história de Liliane inspira e seu dom hoje ajuda a transformar vidas por meio da educação, exatamente como aconteceu com ela. ■

[2] ProUni e FIES: ProUni - O Programa Universidade para Todos (ProUni) do Ministério da Educação, criado pelo governo federal em 2004, oferece bolsas de estudos, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. Para saber mais acesse: http://siteprouni.mec.gov.br FIES - O Fundo de Financiamento Estudantil é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuito na forma da Lei 10.260/2001. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. Para saber mais acesse: http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html

Luana

UMA VOZ PARA A INCLUSÃO

NOME: Luana de Souza Alves

OCUPAÇÃO: Assistente no Departamento Jurídico da TOTVS

IDADE: 25 anos

NATURAL DE: Bom Jesus da Lapa (BA)

Luana é uma jovem de 25 anos que sai para trabalhar todos os dias e se diverte com os amigos e o namorado, aos finais de semana. Mas sua vida nem sempre foi assim, com essa rotina "normal" vivida por milhões de brasileiros. O sorriso fácil que hoje ilumina o seu rosto já foi uma raridade; no passado, o mais comum eram as lágrimas caírem de seus olhos.

A mais velha entre quatro irmãs, Luana nasceu com surdez total, o que a colocou em um isolamento durante grande parte de sua infância. A família demorou para se adaptar à sua deficiência e Luana lembra que, quando criança, ficou muito de lado, sem poder acompanhar os programas da família, como ver TV ou conversar durante o jantar.

O início da transformação veio pela avó. Foi ela que reparou em algo estranho no comportamento da neta – que alcançava a idade, mas não desenvolvia a fala – e que batalhou por muitos anos para o desenvolvimento de Luana: do alto de sua sabedoria, aquela senhora entendia que a comunicação seria o primeiro passo para a neta começar a ter uma vida normal, se integrar à família, à sociedade e ter uma vida feliz.

Mas essa trajetória de Luana com a avó – por quem sempre teve carinho e grande afinidade – teve muitas pedras no caminho. Até hoje a jovem se lembra da época em que era criança, um período de muito sofrimento, já que não conseguia se comunicar com quase ninguém. Quando estava triste, não tinha como desabafar; quando estava nervosa, não podia esbravejar; quando estava com dor, não podia reclamar. Restava a Luana chorar, e ela chorou muito nesse período da vida:

> *"Era tudo muito difícil, eu sofri muito, chorei demais, porque, francamente, parecia que minha família tinha me abandonado. Eu queria chamar alguém da família para conversar um pouco, mas não conseguia."*

Com o incansável apoio da avó, ainda muito pequena, Luana começou a frequentar o fonoaudiólogo e também a aprender LIBRAS*. Assim, pôde, ainda que de maneira simples, dizer o que pensava e o que sentia, abrindo um novo horizonte em sua vida. Porém, se mais ninguém em casa aprendesse a língua dos sinais para conversar com ela, seu esforço não seria suficiente para melhorar a relação com a família.

Quando Luana entrou na escola, aos cinco anos, a professora chamou a avó, preocupada por ela ser uma criança muito sozinha e triste. Voltando para casa pensando nisso, mais uma vez a avó interveio e teve uma longa e séria conversa com os pais de Luana: *"minha avó disse para meus pais sua filha é surda, vocês precisam aprender LIBRAS. Meu pai, meus primos e tios não sabiam LIBRAS, então, eu não entendia nada. Minha mãe foi aprendendo um pouquinho e conseguíamos ter uma comunicação. Mas minha avó sim, ela sabia muito, então era ela que me traduzia".*

Aprender a se comunicar e se adaptar aos círculos sociais – escola, família, amigos – não era fácil: *"tive muita depressão e me senti muito sozinha. Pensei em desistir várias vezes"*. Luana diz que só conseguiu persistir e continuar nesse caminho porque sua avó sempre estava por perto com palavras de carinho e de incentivo.

* LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais - é a língua de sinais usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e reconhecida pela Lei como segundo idioma oficial do Brasil.

"Eu amo muito a minha avó, ela foi muito boa para mim, minha mãezona, me dava calma para continuar tentando, era muito paciente. Eu odiava fazer 'fono' e também aprender matemática. Ela me acalmava, me ensinava, dizia que era importante para o meu futuro, para a faculdade e para um emprego e que acreditava que eu era capaz."

Luana não sabia fazer leitura labial e sua comunicação era basicamente por gestos. Aos poucos, dentro de casa, o estímulo da avó funcionou e a família de Luana começou a aprender LIBRAS, o que foi fundamental para que pudessem se comunicar um pouco melhor. Na escola os amigos também começaram a se adaptar e passaram a chamar Luana para brincar. Mas aos 11 anos, um novo desafio: por conta da distância entre sua casa e a escola, ela teve que mudar de colégio e iniciar novamente o esforço da adaptação.

A nova professora tinha um ritmo mais acelerado durante as aulas, os conteúdos do ginásio (atual Ensino Fundamental II) eram mais difíceis e, por mais que houvesse um intérprete de LIBRAS em sala, os conhecimentos que Luana tinha do idioma não eram suficientes para que ela conseguisse acompanhar as matérias: *"nas aulas de português eu não entendia o que eram as palavras. Minha avó sentava comigo, me explicava o significado e só aí eu entendia".*

Luana insistiu, persistiu, se formou no Ensino Médio e começou uma nova fase: a procura por um emprego, o que lhe trouxe mais angústias. Se por um lado ela não estava feliz de ficar em casa sem fazer nada, por outro, a ideia de ter que fazer entrevistas e lidar com novas pessoas no dia a dia a assustava. Mas, com o apoio da mãe, Luana começou a procurar por vagas e chegou ao prédio da TOTVS, onde fez uma entrevista e foi contratada para o seu primeiro emprego, mas seria necessário fazer o curso de capacitação profissional no Instituto da Oportunidade Social (IOS).

Foi aí que Luana descobriu o IOS e viu sua vida mudar novamente. Mais uma vez, ela enfrentou um começo complicado, pois, o que sabia de LIBRAS e de português não era suficiente para absorver o conteúdo das aulas. Para não chamar a atenção, ela fingia que entendia, mas, na verdade, não estava conseguindo acompanhar o curso. Felizmente, o Instituto conta com intérpretes educacionais que são preparados para perceber o grau de compreensão do aluno nas aulas e, se necessário, avisar o instrutor do curso. Foi exatamente isso que aconteceu com Luana.

A instrutora, ao saber o que estava se passando com sua aluna, tomou atitudes que fizeram toda a diferença para o seu aprendizado:

> *"Eles decidiram oferecer reforço do idioma português para os alunos surdos, como uma aula dedicada a este público, separados dos outros alunos com outras deficiências. A professora Carla se interessou por nós e decidiu aprender LIBRAS. Para a Carla foi muito complicado, mas ela conseguiu. Muito obrigada, Carla, eu sou muito feliz por ter você na minha vida!".*

Além das aulas específicas, Luana também foi encaminhada pelo IOS para uma psicóloga especializada no atendimento de pacientes surdos. Nas sessões de terapia, pela primeira vez, teve a chance de desabafar e de contar sobre a solidão que a acompanhou durante toda a vida. Ela tinha muita coisa guardada e, ao expor esses sentimentos, tirou toda a amargura e a dor guardadas dentro do coração, superando seus bloqueios emocionais que, além de dificultarem sua interação social, atrapalhavam muito o seu aprendizado.

Com o tempo, Luana foi ficando mais solta, mais à vontade, e conseguiu efetivamente acompanhar as aulas do Instituto. Mais do que isso, passou a ajudar os colegas que tinham dificuldade, se tornando não só um exemplo de persistência, mas também de solidariedade.

Luana e a Professora Carla, trocas de experiências que vão além da sala de aula.

Após frequentar o IOS por um ano e quatro meses, a jovem começou a trabalhar na TOTVS. Como todas as pessoas que chegam ao primeiro emprego, enfrentou novas dificuldades, mas agora era diferente. Sua postura era outra, sua timidez já não atrapalhava nas relações e os desafios não pareciam mais impossíveis. Pouco a pouco, a jovem foi ensinando palavras em LIBRAS para seus colegas e conseguindo desempenhar o seu trabalho com tranquilidade.

Luana está na TOTVS há mais de cinco anos, foram quatro anos trabalhando no departamento de viagens. Seu chefe não sabia LIBRAS, mas ela o ensinou. Ele por outro lado a apoiava nas tarefas do dia a dia. Mas, buscando novos desafios, quando surgiu uma vaga no setor jurídico Luana se candidatou, e hoje está muito satisfeita com a sua equipe de trabalho. Sente que progrediu profissionalmente e, com a ajuda da empresa, cursou a faculdade de recursos humanos na Universidade Paulista. Hoje ela vive uma vida bem mais completa, tem seus amigos, seu namorado Vinícius – que conhece desde criança, também é surdo e trabalha na mesma empresa que ela –, seu trabalho e uma relação com os familiares muito melhor se comparada ao passado, já que aprendeu a lidar com suas emoções. Se ela está brava, extravasa; se está triste, desabafa; e se fazem comentários a seu respeito, ela não liga, pois essa nova Luana é feliz! ■

Mariana

DEDICAÇÃO PARA UMA VIDA MELHOR

NOME: Mariana Lisboa Floriano Brito

OCUPAÇÃO: Auxiliar no Atendimento e no Setor de Faturamento na Byblos

IDADE: 21 anos

NATURAL DE: Goiânia (GO)

Na infância, Mariana vivia em um bairro de ruas de terra, as casas eram barracos sem acesso à água potável e sem saneamento básico. Nesse cenário, seus pais ainda foram vítimas de um golpe: a casa que compraram e moravam tinha sido construída em um terreno invadido e só depois de anos de briga na justiça puderam regularizar a situação.

Por outro lado, mesmo com as dificuldades encaradas pela família ela se lembra de uma infância feliz, nos anos 90, em Goiânia (GO), e do grande esforço dos pais – ele pedreiro e a mãe costureira – para garantir o estudo dos filhos. Eles mesmos tinham parado de estudar cedo para começar a trabalhar e, por experiência própria, queriam dar outro rumo ao futuro dos filhos.

> *"Meus pais trabalhavam bastante e tinham sempre o foco na educação dos filhos. Minha mãe sempre me dizia que educação é algo que ninguém tira de você, é o que você precisa para crescer na vida",* contou.

Nesse ambiente, Mariana estava sempre atenta às possibilidades de continuar estudando; dos sete aos 19 anos ela ia para a escola caminhando, passando por um trecho de mata fechada, mas diz que valia a pena, principalmente quando as aulas eram de matemática, sua matéria preferida. No último ano do colegial (hoje Ensino Médio), ficou sabendo de cursos de informática gratuitos que ajudavam os alunos a começarem a trabalhar e, assim, conheceu o Instituto da Oportunidade Social (IOS). Mariana contou que ficou um pouco desconfiada da qualidade do curso e do encaminhamento para o mercado de trabalho, visto que ele era totalmente gratuito.

Essa dúvida é bastante presente entre as pessoas que ficam sabendo de cursos oferecidos por organizações não governamentais, e que já foram muitas vezes desacreditadas na história recente de nosso País.

A comunicação das instituições sérias, que têm realmente o objetivo de capacitar alunos para melhorarem de vida, por si só é um grande desafio. É claro que não há como assegurar a seriedade de todas as organizações, mas, há sim muitas que promovem um trabalho transparente, organizado, com planejamento e foco em sua missão. Diante disso, ao final do semestre, Mariana e seus familiares ficaram muito satisfeitos, pois tudo que o IOS propunha era uma feliz realidade.

A jovem se inscreveu e durante seis meses se encantou com o mundo da informática, a qualidade das aulas e tudo que aprendia.

> *"Lembro que todas as noites, quando ia dormir, eu já ficava imaginando como seria o dia seguinte, o que iria aprender nas minhas aulas no IOS."*

Mariana contou que um dos grandes aprendizados que ela teve no IOS foi trabalhar em equipe: *"antes de fazer o curso eu me considerava individualista, mas com os exercícios em grupo que fazíamos nas aulas eu percebi que trabalhar em equipe é muito bom!"*.

No período em que esteve no Instituto ela desenvolveu uma afinidade muito grande com seus colegas e professores, entre eles, o líder da Unidade, Juscier Souza. Frequentador da mesma igreja que Mariana, Juscier foi o responsável por celebrar o momento mais importante de sua vida até agora: seu casamento. A amizade entre aluna e professor dura até os dias de hoje.

Mariana e Juscier, ex-professor que se transformou em um grande amigo pessoal.

A experiência no IOS também rendeu frutos profissionais, Mariana se formou e conseguiu um estágio em uma mineradora, onde *"os conhecimentos de softwares e as noções sobre o fluxo de uma empresa foram essenciais para desempenhar minha função"*. O primeiro salário é sempre marcante, e, para Mariana, não foi diferente, pois, foi a partir dele, que ela pôde iniciar a construção da sua casa.

Com o fim do estágio, voltou a procurar o IOS, que a indicou para várias vagas, até que ela conquistou um emprego em uma importadora de perfumes e, nos últimos dois anos, já atuou em diversas funções, o que profissionalmente é excelente. Ela trabalha lá até hoje.

Pensando no futuro, Mariana diz que quer fazer faculdade de gestão comercial, o que irá apoiá-la no desejo de ter seu próprio negócio. Há pouco tempo, começou a fazer doces com a sua mãe, incentivando-a a trabalhar de casa e ter independência financeira, além, é claro, de gerar uma renda extra. Este é o perfil de uma futura empreendedora, que se vê gerando oportunidades para que outros jovens encontrem portas abertas para o primeiro emprego, assim como um dia ela encontrou.

"Antes do IOS eu achava que não teria capacidade de realizar os meus sonhos, hoje eu acredito mais em mim", concluiu.

POLO

Matheus

QUILÔMETROS DE DETERMINAÇÃO

NOME: Matheus Silva dos Santos Sales

OCUPAÇÃO: Engenheiro de Pesquisa e Desenvolvimento na TOTVS

IDADE: 19 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Matheus em seus 19 anos é ainda um rapaz muito jovem, mas já tem sua história de vida marcada por muito esforço, determinação e força de vontade.

Desde que nasceu – no Jardim Britânia, região pobre do bairro de Pirituba, em São Paulo –, a crença de seus pais na educação como chave para uma vida melhor moldaram seus caminhos e o levaram a superar as dificuldades que apareceram.

Seu pai, carregador de frutas no CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo), estudou somente até a quarta série (do antigo Ensino Fundamental), e sua mãe, copeira, concluiu o Ensino Médio depois de adulta, ao mesmo tempo que a irmã mais velha de Matheus. *"Com 41 anos, minha mãe, percebendo que minha irmã estava desanimada e não queria mais estudar, pegou ela pelo braço e disse: 'vamos que eu vou contigo'"*, conta ele.

Esse exemplo de empenho se repetiu na vida de Matheus. Em 2011, sua mãe, preocupada com o futuro de seu filho mais novo, encontrou um anúncio do Instituto da Oportunidade Social (IOS), oferecendo cursos gratuitos. A mãe, muito animada, falou do IOS para o filho que, sem titubear, se inscreveu no curso de ERP*, dando assim mais um passo em sua formação.

> *"Eu tinha 14 anos, sabia que precisava trabalhar e ajudar minha família, mas sabia também que sem educação e qualificação profissional eu não ia conseguir absolutamente nada."*

Matheus, que sempre gostou de estudar, não desistiu mesmo em tempos muito difíceis. Ir à escola e ao curso do IOS ocupava pelo menos dez horas de dedicação por dia e, nesse momento, com 15 anos de idade, um episódio triste aconteceu: seu pai sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) que comprometeu de maneira permanente seus movimentos. Esse fato trouxe para Matheus uma responsabilidade maior: o cuidado com seu pai.

* ERP, em inglês *Enterprise Resource Planning,* trata-se de um *software* que integra todos os dados e processos de uma Organização em um único sistema.

Nesse cenário, o adolescente precisava conciliar suas obrigações com os estudos e o comprometimento em ajudar o pai, que era sua referência, e também sua família, pois sua mãe e seu primo tiveram que se dedicar e muito em seus empregos, para sustentá-los financeiramente, e Matheus ficou responsável por acompanhar o pai nas sessões de fisioterapia:

> *"Foi uma época bem difícil, eu acordava às 4h30 da manhã, colocava meu pai na cadeira, ia para o ponto de ônibus, viajava até o centro da cidade, tomava outro ônibus para o Ipiranga, acompanhava meu pai em uma hora de fisioterapia, trazia ele de volta para casa, tomava um banho e corria para o IOS. Chegava em cima da hora, às 13h30, saia de lá às 16h30 e voltava para meu bairro, onde entrava na escola às 19h e assistia aula até às 23h. Aí era ir pra casa e dormir para começar cedo de novo".*

Eram dezenas de quilômetros rodados cruzando a cidade todos os dias, muitas horas no transporte público, na frente dos professores e atrás dos livros, mas também eram – e são – grandes os objetivos de Matheus: a melhora da saúde do pai, a capacitação que precisava para arrumar um emprego, a ajuda para a família e muitos sonhos que estavam por vir.

Nesse caminho, ele conheceu pessoas importantes, fundamentais para saciar sua vontade de aprender. *"Não esqueço dos meus professores. Desculpe os outros, mas a melhor professora que eu tive foi a Priscila Feraretti Oliveira, que foi sensacional. Ela tinha paciência e se você tivesse vontade de aprender, você podia ter 500 milhões de dúvidas que ela tirava, te explicava, voltava, fazia de novo, sentava com você e falava: 'você não entendeu? Então vou te explicar de novo'. Ela tinha uma didática sensacional".*

Assim, ele encontrou no curso que fazia no IOS o conhecimento que precisava para, junto a sua dedicação, se transformar em um profissional pronto para entrar no mercado de trabalho e, dessa forma, dar o primeiro passo na sua carreira.

Com boas notas, Matheus se destacou e foi convidado a participar de um processo seletivo na TOTVS. Mesmo inseguro sobre seu conhecimento, a vontade de trabalhar falava mais alto e Matheus encarou a oportunidade de frente: *"claro! Tenho muito interesse na vaga! Eu amo Exatas! Minha vida é Exatas, vamos agora lá!"*. Essa vontade foi sua maior arma para ganhar a vaga: na sede da TOTVS, Matheus foi entrevistado por cinco líderes, dois gestores, um coordenador e um diretor executivo da Empresa. Todos na mesma hora! O jovem sentiu a pressão, é claro, mas não deixou o medo vencer e a recompensa foi a sua contratação.

A felicidade e a comemoração vieram acompanhadas de uma das decisões mais difíceis, se não a mais difícil, de sua vida até aquele momento. Por um lado, queria muito aceitar a vaga, por outro, se preocupava com seu pai, pois se começasse a trabalhar, Matheus não poderia mais levá-lo à fisioterapia, o que podia ser o fim do tratamento. A solução veio do próprio pai que pediu para o filho não dar as costas àquela oportunidade que podia não aparecer novamente. Com o apoio da família, Matheus aceitou o trabalho.

E, em pouco tempo, o grande peso na consciência que o acompanhava por deixar de cuidar do pai foi aliviado: logo depois que começou na TOTVS, seu pai conseguiu uma vaga no serviço de transporte de pessoas com deficiência da Prefeitura de São Paulo, o ATENDE, permitindo a continuidade do tratamento.

"Quando comecei na TOTVS vi aquele monte de computador e de gente concentrada e pensei, meu Deus, será que um dia eu vou estar aí? E fui me inserindo e me adaptando: usei roupa emprestada do meu vizinho até receber meu primeiro salário para comprar uma camisa para mim e levar uma de presente para ele que me ajudou tanto! Percebi que não sabia nada, estudei muitas apostilas, fui tratado como igual e tive ajuda dos mais experientes. A TOTVS não queria o que eu sabia, ela queria minha vontade de aprender, de fazer, e era o que eu tinha. Em seis meses eu já estava programando e participando dos projetos."

A aposta da TOTVS ao contratar Matheus não poderia ter sido melhor. Hoje ele é engenheiro de pesquisa e desenvolvimento, faz faculdade de análise e desenvolvimento de sistemas e planeja fazer uma pós-graduação em engenharia de *software*. Sua carreira também tem evoluído e, em 2014, ele recebeu o prêmio Você Faz a Diferença, que reconhece os profissionais de maior destaque da empresa.

Matheus não desistiu, enfrentou os problemas que desafiavam sua capacidade de continuar estudando e hoje – graças a essa resiliência, à dedicação e ao apoio dos que o ajudaram a solidificar seu conhecimento – se mostra um profissional pronto para continuar trilhando com obstinação um longo caminho de aprendizado e para superar com força de vontade os desafios que possam surgir. ■

Raquel

ACOLHER É A MELHOR LIÇÃO

NOME: Raquel Augusto

OCUPAÇÃO: instrutora de TI
IDADE: 57 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Nascida em São Paulo, na década de 1950, Raquel é a segunda filha de seis irmãos e teve uma infância muito simples. O pai pedreiro, e a mãe empregada doméstica, criaram seus filhos com muito amor e os rodearam de valores essenciais, como caráter e respeito.

Apesar das dificuldades, os pais trabalharam muito, construíram sua própria casa e nunca deixaram nada faltar aos filhos. Nessa batalha, outra coisa que não podia faltar era a educação e os pais insistiam em dar aos filhos uma boa formação que fosse a chave para um futuro melhor.

Raquel sempre gostou de estudar e, dedicada, começou a trabalhar aos 17 anos, quando conseguiu uma oportunidade em uma companhia do ramo cerealista. A conquista desse emprego foi tão importante na vida dela, que uma dificuldade nos primeiros dias fez Raquel ter muito medo de perder tudo: *"eu fui para a entrevista e comecei a trabalhar no mesmo dia. No dia seguinte eu passei mal e não consegui ir. Eu fiquei com tanto medo de perder aquele trabalho, que pedi para minha mãe ir lá comigo no terceiro dia só para dizer que eu havia ficado doente e atestar que eu não podia perder o meu emprego"*, conta ela rindo.

A ajuda da mãe deu certo, Raquel continuou trabalhando e com seu primeiro salário contribuiu com a reforma da casa dos seus pais. Depois de três anos no emprego, buscou novos desafios e atuou ao longo de quase duas décadas em diferentes empresas e funções.

Quando Raquel estava com 30 anos ela realizou o sonho de ser mãe. Durante os cinco primeiros anos de vida de Daniel, seu filho, a vida não era fácil, ela morava com os pais, mas fazia questão de ser a responsável por todo o sustento de seu filho. Um ano depois, Raquel encontrou um companheiro com quem dividiu a sua vida durante 15 anos. *"Sempre fui muito independente, sustentava a casa e, em 1995, quando eu tinha 37 anos, consegui dar entrada em um apartamento na COHAB e criar o meu filho sob o teto de uma casa própria"*, contou.

Perto dos 40 anos, recebeu um convite não usual e "caiu de paraquedas" no Instituto da Oportunidade Social (IOS) e em uma nova profissão que seria sua paixão. Em 1998, uma amiga a indicou para uma vaga

de professora de informática no IOS: *"fui convidada para fazer o processo seletivo, passei na avaliação e fui contratada para trabalhar na Unidade do IOS que funcionava no Lar Menino Jesus. No ano seguinte, acabei indo para a Unidade do Lar Betânia, em Ferraz de Vasconcelos, onde fiquei por dez anos"*, relembra saudosa.

A entrada no Instituto foi muito importante para a Raquel. Na época Daniel estava com oito anos e, até ser contratada pelo IOS, ela pagava com muita dificuldade as prestações de seu apartamento. Após três anos atuando como professora do IOS, ela conseguiu renda suficiente para quitar o seu apartamento mais rapidamente.

São quase 18 anos de dedicação ao IOS pela professora Raquel que, dotada de uma fala direta e um coração grande e generoso, se diz *"brava"* em sala de aula, mas não consegue esconder nem por um segundo o imenso amor que sente por cada um de seus alunos.

Desde 2009, Raquel ministra aulas também para pessoas com deficiência, a partir de 16 anos de idade. Quem vê hoje a desenvoltura da professora com os seus alunos, não imagina as dificuldades que ela enfrentou para conversar com esse público. *"No caso dos alunos surdos, por exemplo, lembro que isso foi um enorme desafio na minha carreira, pois havia a barreira da língua[1]; quando eu falava para os alunos a palavra 'armazém' eles não entendiam, então eu tinha que substituir por uma palavra que fizesse mais sentindo como 'loja'. Com o tempo, eu fui me acostumando e, principalmente, aprendendo bastante com eles também"*, diz ela com orgulho.

Raquel e sua ex-aluna Simone, um exemplo de perseverança.

[1] As pessoas com deficiência auditiva falam em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais - usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e reconhecida pela Lei como segundo idioma oficial do Brasil).

O aprendizado foi tão grande que hoje Raquel atribui muito do seu crescimento pessoal aos seus alunos que, ao entrarem em sala de aula, encontram mais do que uma professora.

> *"Todos os alunos falam que eu sou a mãezona deles, pois eu sempre dei liberdade para eles, por exemplo, conversarem comigo assuntos que eles não conversam com os seus pais. Eles dizem que eu tenho a mente aberta e sempre me pedem um conselho."*

A relação de carinho que Raquel tem com seus estudantes é tão forte que ela chegou a ir "na balada" com eles, foi madrinha de casamento do Leidevan[2], um aluno muito querido, e conheceu histórias inspiradoras, como a do Jucelino[3], um cadeirante cheio de vontade que nunca faltou em uma aula e a história da Simone que, fez questão de nos contar:

"A Simone Marchesi – que foi minha aluna na primeira turma de capacitação de pessoas com deficiência – era muito dedicada, com uma força de vontade extraordinária e aceitava fazer sempre mais de uma prova para conseguir um resultado melhor e melhor no que a gente a ensinava. Ela tem baixa visão desde que nasceu, mas seus pais só perceberam quando ela tinha três anos e então fez sua primeira cirurgia – se não me engano já foram mais de três cirurgias.

Com pais alcoólatras, não teve muito apoio para aprender sobre a vida, e a falta de informação era suprida por sua própria garra de entender como melhorar de vida. Lembro que ela me contou que trabalhou desde os 12 anos de idade em várias empresas, mas nunca formalmente. Até ajudando a mãe algumas vezes a fazer faxina em uma imobiliária. E foi assim que sua mãe conseguiu pagar um curso de datilografia para a Simone. Ela fez o Ensino Médio e, com muita vontade de sair de casa, casou-se aos 18 anos.

Aos 22 anos teve seu filho e, durante o parto, teve um problema com a anestesia que ocasionou uma disfunção neurológica que a faz ter crises de epilepsia. No início, ela não tinha conhecimento de que aquilo que passava eram crises de epilepsia, até entrar no IOS, anos mais tarde e, a Elaine Santos, que era quem idealizava os projetos para pessoas com deficiência, conversar com ela e explicar que suas ausências podiam ser um problema de verdade.

A Simone se casou mais duas vezes e o terceiro marido, muito companheiro dela, é com quem vive até hoje. Eles foram ambulantes por dez anos, vendendo flores em estações de metrô e correndo dos guardas.

[2] Leia na página 52 a história do Leidevan.
[3] Leia na página 36 a história do Jucelino.

Em um curso ela conheceu a Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência, o que ajudou a transformar sua história. Em 2009, com pouco mais de 30 anos, ela procurou o Centro de Apoio ao Trabalho (CAT), onde ela foi indicada para o processo seletivo da TOTVS, local em que trabalhou pela primeira vez com carteira assinada, com a condição de se capacitar.

Assim, conheceu o IOS e eu a conheci muito bem! Suas crises de ausência em sala de aula me instigavam a ficar mais próxima e cuidar daquela aluna. Hoje ela é minha colega e trabalha na área de Empregabilidade aqui no Instituto, muito bem-humorada, se dando bem com todo mundo. Ela é mais um exemplo do quanto o IOS pode ensinar as pessoas e levá-las a descobrir cada vez mais sobre a vida e outros mundos de conhecimento."

Raquel, que vê nas histórias de seus alunos a superação que emociona e inspira, também teve suas próprias dificuldades, nunca desistiu e se tornou referência para os que vivem a sua volta.

Foi a única de seus cinco irmãos a cursar o Ensino Superior, em 1983 formou-se em jornalismo, mas foi agora, em 2014, que Raquel realizou seu sonho, quando concluiu a faculdade de serviço social. "*O meu sonho sempre foi atuar no serviço social, então, quando eu entrei na área da educação, me encontrei de verdade, pois foi isso o que eu sempre quis para a minha vida. Posso dizer que encontrei a minha identidade através do IOS*", revela.

Raquel foi uma das primeiras pessoas a participar do Instituto e, muito além de uma realização profissional, sua relação com o IOS se tornou uma história de amor.

"O IOS é tudo para mim, eu amo estar aqui, eu amo trabalhar aqui, sempre foi tudo para mim. Quando falo no IOS os meus olhos sempre se enchem de lágrimas. Aqui a equipe é maravilhosa, aqui o lugar é gostoso para trabalhar, você se sente bem, aqui é uma família", declara Raquel emocionada.

Alexandro (à esquerda) e Rodrigo (à direita).

NOME:	Rodrigo Alexandre Silvério	Alexandro Pereira Velho
OCUPAÇÃO:	Analista de Responsabilidade Social na TOTVS	Líder da Unidade do IOS em Joinville (SC)
IDADE:	30 anos	36 anos
NATURAL DE:	Joinville (SC)	Joinville (SC)

Rodrigo e Alexandro

SUPERAÇÃO É VENCER A SI MESMO

A cidade de Joinville, em Santa Catarina, é o cenário da história de dois homens que, coincidentemente, viveram duras transformações – ambos perderam o pai cedo, passaram pela amputação de membros de seus corpos e tiveram dificuldades para retornar ao mercado de trabalho –, mostraram força de vontade e esperança inspiradoras, e são exemplos para outras pessoas que buscam superar os desafios que aparecem dia após dia.

Nascido no final da década de 1970, no bairro de Rio Bonito, filho de um garçom e de uma funcionária da indústria têxtil, **Alexandro** teve – ao lado de sua irmã mais nova – uma infância saudável e feliz. A vida financeira da família mudou por volta de 1986, quando seu pai resolveu se tornar um empreendedor e montou um mercadinho de secos e molhados[1]. O negócio prosperou, a família saiu do aluguel e conseguiu um imóvel próprio.

> *"Nessa época, a gente tinha as coisas em casa, mas não tinha em abundância, pois o espírito era cuidar para continuar crescendo, tanto que eu e minha irmã sempre estudamos em escola pública",* lembrou Alexandro.

Já **Rodrigo** nasceu em um bairro pobre e perigoso. Filho de pais muito jovens – sua mãe teve a primeira filha com 13 anos –, foi o terceiro filho da família, e sua irmã mais velha nasceu com síndrome de Down[2]. Quando **Rodrigo** tinha apenas quatro anos, sua mãe se separou do pai, que usava drogas, e foi morar com os filhos na casa da sua

[1] Também conhecidos como "empório" ou "armazém", os mercadinhos de secos e molhados eram os estabelecimentos comerciais onde a população costumava comprar seus alimentos. Hoje essa função está a cargo das grandes redes de supermercados.
[2] "A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, por isso também conhecida comotrissomia 21." Fonte: http://www.fsdown.org.br/ (Fundação Síndrome de Down).

mãe, onde **Rodrigo** encontrou amor, instrução e disciplina. *"A casa da minha vó era como um navio, comprida e cheia de quartos, parecia um albergue"*, lembrou ele. Para manter o controle sobre todos aqueles netos, a avó de **Rodrigo** era firme: *"todo dia eu levava uma espadada de São Jorge no couro e minha orelha vivia rasgada"*, contou, logo esclarecendo que a bronca vinha sempre com muito amor.

Diferentemente de **Rodrigo**, **Alexandro** desfrutava de uma estabilidade familiar e financeira, mas essa harmonia foi tragicamente quebrada quando seu pai veio a falecer. Sem o seu principal alicerce, a família passou a ser conduzida pela mãe, que inicialmente tentou tocar o mercadinho, mas depois decidiu passar o negócio para outra pessoa. Essa decisão fez com que **Alexandro** – que na época tinha 14 anos – passasse a ser funcionário na mesma venda onde antes era dono com seu pai.

A perda precoce do pai também marcou a história de **Rodrigo**. Aos oito anos seu pai faleceu e a convivência breve deixou poucas lembranças de tristes momentos de consumo de drogas e violência familiar. Nesse mesmo período, porém, **Rodrigo** entrou em contato com o esporte:

> *"Participei de duas corridas na Universidade da Região de Joinville (Univille), ganhei as duas e chamei a atenção de um professor de educação física que me convidou para treinar lá", conta Rodrigo.*

Rodrigo insistiu, mas sua mãe não achou uma boa ideia e ele teve que desistir do sonho (pelo menos era o que pensava naquele momento).

Alguns anos depois a dificuldade financeira da família levou **Rodrigo**, aos 12 anos, a trabalhar como servente de pedreiro com o seu padrasto e, se sentindo muito cansado, ele abandonou os estudos. Após o falecimento de seu padrasto, dois anos depois, **Rodrigo** foi obrigado a se desdobrar para ajudar no sustento da família e, além de pedreiro, o jovem trabalhou também como *motoboy*, calceteiro (trabalhador que faz calçadas), segurança, garçom, entregador de pizza, babá, entre outros empregos que na maioria dos casos dependiam de sua força física.

Alexandro também não teve vida fácil após a perda de seu pai. Depois de um tempo trabalhando no antigo negócio da família, ele deixou o emprego e passou a atuar em diferentes funções, sendo jardineiro, ajudante, entregador de frutas e vegetais, garçom, almoxarife de restaurante, até que chegou à posição de líder da área de compras de um restaurante da cidade. Em 2003, aos 23 anos, com a intenção de se desenvolver mais na sua profissão, decidiu fazer uma faculdade de administração de empresas.

Neste ponto da história, as trajetórias de **Rodrigo** e **Alexandro** passam por uma grande transformação e suas vidas mudam drasticamente.

Em 2006, **Rodrigo** estava em uma lanchonete perto de casa quando viu um sujeito armado andar em sua direção e achou que seria abordado. Com medo, jogou a mesa em cima do homem e saiu correndo quando um segundo homem armado disparou duas vezes em sua direção, acertando o seu ombro direito e o seu braço esquerdo. Aos 21 anos, **Rodrigo** estava no lugar errado, na hora errada. Aqueles dois criminosos entraram ali para um "acerto de contas" com outro cliente, que foi assassinado a tiros naquela tarde.

Ele foi levado ao hospital público – já que há três meses estava sem plano de saúde – onde foi inicialmente desacreditado pelos médicos. Dali para frente, um pesadelo: foram três meses internado, com muita dor, infecções, uma parada cardíaca, nove cirurgias para salvar seu braço esquerdo que continuava a se deteriorar até que o próprio **Rodrigo**, no alto do seu desespero, pediu para que os médicos o amputassem.

> *"Quando voltei para casa, depois de perder o braço, minha mãe e meus irmãos viviam chorando, olhavam para mim e choravam... Eu não queria isso para minha vida"*, contou Rodrigo.

Incomodado com a piedade, decidiu que tinha que lidar com a sua nova realidade, reaprender a fazer o que fazia antes e seguir sua vida.

A transformação da vida de **Alexandro** se dá por conta de um grave e inesperado acidente: ao final do primeiro ano de faculdade, em 2003, ele estava voltando para casa de moto quando se chocou com um carro e, após ficar mais de um mês internado, saiu do hospital com parte da sua perna esquerda amputada. *"Aquele foi o ano em que eu passei de pessoa sem limitação, para pessoa com deficiência"*, contou Alexandro.

Sempre procurando *"ver a metade cheia do copo"* – como ele mesmo disse –, **Alexandro** não abandonou a faculdade, dava um jeito de ir às aulas usando muletas, em transporte especial ou mesmo em ônibus convencional, e passou a conviver com a curiosidade dos colegas de sala sobre a sua deficiência, procurando levar as perguntas e comentários *"na esportiva"*, como ele mesmo definiu.

Ao final de 2004 ele adquiriu a sua primeira prótese, e teve que reaprender a andar. Mesmo assim, **Alexandro** contou que sofreu muito preconceito. *"Por mais que as pessoas admirassem a minha força de vontade, ficou claro que a partir do momento em que eu amputei minha perna, eu deixei de ser um ser humano para ser uma pessoa com deficiência"*, contou.

Se o mercado de trabalho é um ambiente áspero e competitivo, há de se imaginar que se reincluir no mundo profissional não foi uma tarefa fácil para os personagens dessa história.

Antes de se acidentar, **Alexandro** desfrutava de um cargo de liderança, gerenciando uma equipe, com um bom salário; havia deixado o emprego por opção própria, com a pretensão de tirar férias

e buscar novas oportunidades. No entanto, sofreu o acidente e, ao se tornar uma pessoa com deficiência, teve que recomeçar do zero, sendo estagiário e assistente em diferentes empresas.

> *"Eu achava que quando terminasse a faculdade eu iria conseguir vagas melhores, mas isso não aconteceu. A situação era a seguinte: se eu me candidatasse a uma vaga sem dizer que tinha deficiência, eu era desclassificado no decorrer do processo seletivo. Se eu dissesse que tinha deficiência, eu só conseguia vagas para cumprir cota[3]",* contou Alexandro.

Assim foi por oito anos, **Alexandro** trabalhando em vagas dedicadas para pessoas com deficiência, sem oportunidades de crescimento e, principalmente, sem se realizar profissionalmente: *"ao cumprir cota, por mais que você faça algo produtivo, isso não preenche o vazio que está dentro de ti de ser útil, de sentir que está fazendo a diferença na vida de alguém"*, revelou.

Esse cenário começou a mudar em 2010, quando **Alexandro** – que a essa altura jogava basquete para pessoas com deficiência – foi convidado para palestrar na Semana da Responsabilidade Social, organizada pelo Instituto da Oportunidade Social (IOS) em Joinville, que seria realizada na empresa TOTVS, e lá conheceu Ageu Santos[4]. *"Aquele foi o meu primeiro contato com o IOS. Eu vi no Ageu tanta alegria por fazer o que ele fazia que aquilo me encantou"*, contou ele.

Um ano depois, **Alexandro** soube de uma vaga para trabalhar na área de Responsabilidade Social, no IOS que estava, na época, montando sua primeira Unidade em Joinville. Ele mandou seu currículo, foi chamado para o processo seletivo, e, logo na primeira entrevista, notou que era o único candidato do grupo com deficiência. *"Naquele momento já voltou na minha cabeça aquele trauma, eu pensei: em algum momento isso aqui não vai dar certo, eles vão me dispensar"*, contou. Mas ele seguiu em frente e passou para a segunda entrevista, com a Kelly, gestora do Instituto.

> *"Eu fiquei esperando o momento em que ela iria tocar no assunto da minha deficiência, mas isso simplesmente não aconteceu. Essa foi a primeira vez em oito anos que alguém no mercado de trabalho me tratou como um profissional, e não como um deficiente",* disse Alexandro com lágrimas nos olhos.

[3] A Lei de Cotas para pessoas com deficiência, número 8.213/91, artigo 93, de 24 de Julho de 1991, regula a obrigatoriedade de empresas com 100 ou mais empregados, a preencherem seus cargos com 2% a 5% de beneficiários reabilitados ou pessoas com deficiência.
[4] Leia na página 12 a história de Ageu Antonio dos Santos.

E tudo deu certo! Após esse longo período cumprindo cotas em diferentes empresas, **Alexandro** havia sido contratado para liderar uma equipe e iniciar a primeira Unidade do IOS na sua cidade. Finalmente ele passou a sentir que estava fazendo a diferença, e que estava fazendo o bem para outras pessoas. *"A cada formatura, quando eu vejo a alegria nos olhos dos pais dos alunos e ouço eles me dizerem o quanto aqueles cinco meses de curso fizeram a diferença na vida dos seus filhos eu penso: isso não tem preço. Aqui no IOS a gente ama o que faz e ainda recebe por isso. E isso é fato"*, concluiu.

Rodrigo também enfrentou uma realidade muito difícil na sua volta ao mercado de trabalho:

> *"Fui às empresas pedir emprego e ninguém quis me dar uma oportunidade. Fui ao INSS[5] para me recolocar profissionalmente e eles disseram que eu estava louco por querer voltar a trabalhar"*, contou Rodrigo.

Mas **Rodrigo** insistiu e chegou a trabalhar pintando paredes, tirando brita e entregando panfletos na rua. Mas o ponto de virada que buscava em sua vida, veio de sua paixão de infância: a corrida.

Ele passou a treinar regularmente e se tornou paratleta do Centro Esportivo para Pessoas Especiais (CEPE) de Joinville.

> *"Sou apaixonado pela corrida! Quando corro me sinto bem, se eu pudesse decolar naquele momento, acho que eu voaria"*, disse Rodrigo.

O envolvimento com o esporte abriu novas oportunidades para **Rodrigo**, ele foi contratado pela TOTVS para dar aulas de ginástica laboral na filial de Joinville e acabou conhecendo, no seu centro de treinamento, uma pessoa muito especial: **Alexandro**, o outro personagem dessa história. Ao viajarem juntos para competir – **Rodrigo** correndo e **Alexandro** jogando basquete –, os dois ficaram amigos e passaram a dividir um apartamento com mais um colega atleta. Vendo em **Rodrigo** uma pessoa muito centrada e com muito potencial, **Alexandro** convidou o amigo para fazer o curso de informática do IOS. Após uma certa resistência, Rodrigo finalmente topou.

Ao passar a frequentar as aulas no Instituto, **Rodrigo** teve o seu primeiro contato com o computador e se surpreendeu com a seriedade e a qualidade do ensino. *"Eu estudava sábado, domingo, feriado para conseguir passar nas provas"*, relembrou. Ser aprovado no final do curso não foi nada fácil, mas seu esforço comoveu todos os professores da Unidade. **Rodrigo**, acostumado desde cedo a trabalhar fazendo mais uso

[5] Instituto Nacional do Seguro Social.

da força física, agora, com a formação no IOS, ampliava suas oportunidades de trabalhar também no campo do conhecimento intelectual. *"O IOS foi fundamental para mim, e agregou muita coisa na minha vida."*

Na visão de **Alexandro** a passagem pelo Instituto ajudou **Rodrigo** a ter mais clareza na busca de seus objetivos. *"Quando eu conheci o **Rodrigo** o único objetivo da vida dele era correr, e acho que esse correr não tinha nem direção. Após o curso do IOS, eu vejo que ele passou a buscar os objetivos de uma forma mais estruturada"*, contou Alexandro.

Hoje **Rodrigo** continua trabalhando na TOTVS como analista de responsabilidade social, e conseguiu levar seu esporte favorito aos colegas de trabalho, criando um grupo de corrida que faz sucesso na empresa. E continua cheio de planos: quer fazer faculdade (de educação física ou de fisioterapia) e sonha em disputar uma paraolimpíada. Ele, que encanta por sua força de vontade e pelo amor que tem à vida, revela:

> *"Hoje em dia, a minha vida é mais completa sem o braço do que era com ele", afirma Rodrigo.*

Já **Alexandro** continua desempenhando sua função de líder do IOS em Joinville, transformando a vida de centenas de jovens e de pessoas com deficiência por meio da educação, utilizando a sua história de vida como um exemplo de superação para mostrar aos alunos do Instituto como manter o coração repleto de esperança por dias melhores. ■

Rodrigo

MEU MELHOR, HOJE E AMANHÃ!

NOME: Rodrigo Graziano Lopes

OCUPAÇÃO: Auxiliar Administrativo na TOTVS

IDADE: 27 anos

NATURAL DE: São Paulo (SP)

Ainda na barriga de sua mãe, o personagem dessa história, Rodrigo Graziano, foi diagnosticado com hidrocefalia[1], e por conta dessa doença, teve que instalar uma válvula no crânio ainda bebê, com o objetivo de evitar que o líquido presente dentro de sua cabeça inundasse o seu cérebro – o que poderia levá-lo ao óbito ou ao estado vegetativo. Além disso, o jovem nasceu com uma síndrome chamada Artrogripose Múltipla Congênita[2] (AMC), que foi diagnosticada porque suas pernas nasceram dobradas e ele não conseguia esticá-las, e por isso, Rodrigo é considerado tetraplégico. Ao ler essas linhas seria possível concluir que a sua vida é sinônimo de restrições. No entanto, a sua história contradiz isso e mostra a sua persistência em superar desafios desde sua infância, na zona norte de São Paulo (SP).

Ao longo de seus primeiros 15 anos passou por uma cirurgia por ano para melhorar suas condições físicas, e por uma rotina exaustiva, quando também teve que enfrentar a separação dos pais.

Na infância, como qualquer criança, Rodrigo também frequentou a escola, apesar da resistência de algumas instituições em aceitarem-no pela insuficiência de suas instalações e métodos para se adaptarem à tetraplegia. Ainda assim, seus pais encontraram uma escola perto de casa que aceitava deficientes físicos – talvez pelo fato de a própria diretora ter uma deficiência que prejudica sua locomoção – e Rodrigo, sempre muito inteligente, se desenvolveu bem.

Ele conta que tinha vários amigos na escola e que nunca teve muitas dificuldades, mesmo com as barreiras que existiam por conta de suas limitações físicas. Seu maior problema, diz rindo com a autocrítica, era a escrita. *"Meus colegas começaram a aprender a escrever e eu não poderia escrever com as mãos. Comecei a perceber os movimentos da minha professora e a repetir com a cabeça. Aí surgiu a ideia de eu escrever com a boca... Ninguém me ensinou, eu acabei criando essa solução. Claro que a letra não é linda, mas dava certo. Por conta disso, eu escrevia nas aulas de matemática, quando eram pequenas contas, mas, para as outras matérias eu sempre usava um computador. Às vezes meus amigos e a minha mãe me ajudavam com o caderno. O pessoal sempre que via essa dificuldade de eu não conseguir escrever, acabava tendo restrições para me aceitar na escola. Depois que consegui ser aceito em uma delas, fiquei até me formar."*

[1] Hidrocefalia é uma doença caracterizada pelo acúmulo anormal de líquido dentro do crânio, que leva ao inchaço e ao aumento de pressão do cérebro.

[2] A Artrogripose Múltipla Congênita (ACM) é uma síndrome caracterizada por contraturas de várias articulações e rigidez de tecidos moles presentes desde o nascimento e de caráter estacionário. A apresentação da síndrome em Rodrigo é considerada rara, por ter atingido seus membros inferiores e superiores. Na época do seu diagnóstico haviam sido constatados somente seis casos no mundo, sendo todos no Japão.

Quando não estava estudando, suas revistas em quadrinho e livros o acompanhavam, fazendo da ficção e fantasia um de seus principais lazeres, além dos jogos de computador e os jogos do seu time do coração, o Corinthians.

> *"Quando está passando um jogo do Corinthians na TV, eu fico tão concentrado que as pessoas dizem que eu estou em outra dimensão, é como se eu me tornasse outra pessoa",* contou ele.

Ao ouvir esse depoimento, é possível pensar que Rodrigo provavelmente nunca teria ido a um estádio de futebol assistir a um jogo ao vivo, porém, ao ser questionado sobre isso, sua resposta surpreende: *"claro que fui! A energia é bem maior, muitas pessoas e uma das experiências mais incríveis que já tive. Já fui a diversos estádios, ao Pacaembu, ao Morumbi e ao Canindé, arena do time da Portuguesa, em São Paulo!".*

Com grande facilidade nas ciências exatas, Rodrigo concluiu bem sua vida escolar e fez também um curso técnico. Preocupado com o futuro profissional de seu filho, o pai de Rodrigo entrou em contato com o Instituto da Oportunidade Social (IOS) e descobriu a possibilidade de matriculá-lo. Na época, Rodrigo tinha 21 anos.

Contando com o ATENDE, serviço de transporte para pessoas com deficiência física da Prefeitura de São Paulo, Rodrigo começou a frequentar o curso de Gestão Administrativa do IOS. Cheio de esperança e de vontade de trabalhar, ele entrou no Instituto focado em aprender novas habilidades que pudessem ajudar sua entrada no mercado de trabalho.

> *"Eu vi o IOS como uma oportunidade de aprender uma coisa nova e de, quem sabe, conseguir um emprego",* lembrou Rodrigo.

Dedicado e responsável, Rodrigo agarrou aquela oportunidade: não faltava nenhum dia às aulas, prestava muita atenção no que os professores falavam e se integrou muito bem com a sala, tendo o apoio dos colegas para o que precisasse. Ele conta que no IOS aprendeu também a perder um pouco da sua timidez e começou a interagir mais com as pessoas com quem convivia. *"Antes do IOS eu era uma pessoa mais fechada, retraída... no Instituto eu consegui melhorar bastante essa minha característica"*, contou.

A experiência foi tão boa que Rodrigo foi convidado para trabalhar no próprio IOS, conquistando assim o seu grande objetivo desde o começo do curso: o primeiro emprego.

"No meu primeiro dia via tudo com muito deslumbre. Lembro que eu olhava ao meu redor e me perguntava: 'isso está acontecendo mesmo? Que coisa incrível!' Demorou um pouco para cair a ficha", relembra feliz.

Ele trabalhou dois anos no IOS, na área que cuida do relacionamento com o aluno e ex-aluno, monitorando a empregabilidade daqueles que passaram pelo Instituto e incentivando outros jovens e pessoas com deficiência a se inscreverem para os cursos. *"Quando comecei eu nem falava no telefone, de jeito nenhum, mas lá venci essa barreira e isso ajudou muito na minha carreira, porque depois continuei trabalhando com atendimento ao público."*

Em 2011, Rodrigo conquistou um novo emprego na TOTVS, no setor de assessoria do *helpdesk*, interagindo diretamente com os clientes da Empresa. Essa mudança na sua carreira o aproximou de seu objetivo profissional que é de, um dia, trabalhar com o desenvolvimento de *softwares* e de *games*. Hoje, Rodrigo trabalha novamente para o IOS, onde apoia toda a equipe do Instituto no cuidado com planilhas e acesso ao sistema de gestão.

Com muito esforço, superação e dedicação ele continua correndo atrás dos seus sonhos. Rodrigo cursou uma faculdade de ciência da computação com a mesma garra que mostrou no IOS: de todos os alunos de sua turma só ele e mais um se formaram.

"Se for para fazer alguma coisa é para fazer direito. Se não for assim é melhor nem começar", afirmou.

ENSINO MEDIO

Thaieny

SÓ A EDUCAÇÃO LIBERTA

NOME: Thaieny Gama Barata

OCUPAÇÃO: Professora de Informática no Instituto de Educação Tiago Brandão de Oliveira

IDADE: 28 anos

NATURAL DE: Urucurituba (AM)

Seu pai, professor, conheceu sua mãe aos 17 anos, e Thaieny – ou Thai, como gosta de ser chamada – nasceu na casa de sua avó pelas mãos de Hilma Freire, parteira na Vila de Itapeaçu, em Urucurituba (AM), a 220 km de Manaus.

Cercada por muita água, Thai viveu uma infância feliz em uma região de várzea, ou seja, quando era época de cheia do rio, a terra era coberta pela água e quando era período de seca, conseguia ver o chão. De lá até Manaus, onde foi morar com quatro anos, a acompanham as lendas do Amazonas, como a do boto* que namora as moças da região, alimentando a imaginação de todos.

Do momento da chegada à nova cidade, ela se lembra de comemorar a vida, com o nascimento de um irmão, e da dor da morte de uma de suas amiguinhas por uma doença que até hoje não sabe explicar. E é assim, desde pequena, vivenciando emoções fortes: *"foi estranho porque um dia ela estava lá, no outro não estava mais"*, contou.

Ainda criança se mudou do bairro de Novo Israel, em Manaus – que era um antigo aterro sanitário, o popular "lixão" – e começou a cuidar do irmão, já que seu pai trabalhava muitas horas por dia para ganhar o sustento da família, e sua mãe voltou a estudar e também começou a trabalhar.

> *"Ali eu senti a independência, vesti essa nova responsabilidade. Tive que ser mais esperta, ir para a aula sozinha, ter cuidado com meu irmão e com a casa."*

Ali também entrou na catequese e fortaleceu sua noção de comunidade e de grupo, conceitos praticados em sua vida até hoje.

Quando tinha 15 anos uma novidade começou a ser falada em Novo Israel: estava chegando um Instituto que ia ensinar informática de graça para os moradores. Na reunião de apresentação para a comunidade, a curiosidade

* A lenda do boto é uma história contada da região da Amazônia. O boto é um mamífero que vive nos rios amazônicos e, segundo a lenda, durante as festas juninas, ele se transforma em um rapaz elegantemente vestido de branco e seduz as moças desacompanhadas, levando-as para o fundo do rio e, em alguns casos, engravidando-as.

e o interesse eram tantos que até a TV local foi entrevistar os candidatos que se inscreveram para o curso.

> *"Como participava da vida na comunidade fui à reunião de apresentação do IOS, tive um certo medo daquelas pessoas bem vestidas, trazendo uma ideia tão nova, mas senti que tinha que aproveitar aquela oportunidade"*, conta ela.

No Instituto da Oportunidade Social (IOS), Thai – que ia para a escola de manhã – ocupou suas tardes com conhecimento, abriu as portas para um novo mundo e se encantou. A sala de aula era muito estimulante para ela: *"tudo era novo! Quando o professor falava, nós ficávamos assim (arregalou os olhos e abriu a boca). Sexta-feira era dia do reforço, não éramos obrigados a ir, mas eu ia toda sexta"*, relembrou.

Thai contou também que, pelo fato de ter dois alunos por micro, teve que aprender a dividir, a compartilhar o computador – uma tecnologia que ela não tinha na sua casa, nem na sua escola. A didática dos professores tornava fácil o aprender e, nesse ambiente, o professor José Francisco Araújo acabou se tornando um grande amigo que, além de transmitir os conhecimentos em informática, estimulou a leitura e outros ensinamentos para a turma.

No fim do curso, Thai e seus colegas descobriram que haveria uma formatura e ficaram muito animados. *"Tudo muito chique, teve convite, coquetel; para a nossa região, tudo aquilo era uma grande novidade!"*, lembrou. E as surpresas não pararam por aí, por conta de sua dedicação e de seu esforço ela ganhou o prêmio "Alunos Nota Dez" e foi convidada para ser oradora da turma. *"O convite me deixou muito emocionada, pois, naquele momento, era como se alguém estivesse olhando de verdade para mim"*, disse a jovem.

Formada, Thai foi convidada para ser monitora da próxima turma do Instituto.

> *"Na época eu não entendia, pois eu achava que havia pessoas melhores que eu; mas o fato de o IOS ter acreditado em mim fez com que eu acreditasse também!"*, disse.

Foram seis meses como monitora, função em que pôde ajudar os alunos a entenderem o conteúdo e, ao mesmo tempo, observar o trabalho de um "professor" como profissão.

Ao concluir o Ensino Médio, o IOS propôs a Thai ser instrutora de uma nova Unidade. Ela aceitou o desafio de assumir as salas de aula e conquistou sua independência financeira: *"foi nesse momento que eu assumi a minha vida; eu sabia das dificuldades dos meus pais, então decidi que iria pagar minhas contas"*, contou. Thai trabalhou no Instituto por três anos até alcançar outra conquista: o emprego de técnica de suporte

Leonardo Bruno e Margareth, além de responsáveis pelo projeto do IOS em Manaus, tornaram-se referências no desenvolvimento de Thaieny.

da TOTVS, onde teve a oportunidade de conhecer a fundo a tecnologia que ensinava no curso do IOS.

A experiência foi ótima, mas lugar de professor é dentro da sala de aula, e a vocação de Thai falou mais forte. Ela saiu da TOTVS e voltou a dar aulas de informática no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM). E a vontade de progredir profissionalmente na carreira de educação era tão grande que Thai arrumou outro trabalho como secretária para poder fazer a faculdade de sistemas da informação.

A jovem disse que o IOS chegou a lugares de Manaus que ninguém antes tinha sequer olhado. *"O IOS veio para o Novo Israel e trouxe pessoas, não apenas apostilas, trouxe a possibilidade para os jovens daqui colocarem 'curso profissionalizante' em seus currículos"*, disse ela, e ainda acrescentou:

> *"Eu pensava: logo eu? Eu que sou índia, que sou preta, que sou baixinha, que sou fora dos padrões de beleza, nunca achei que seria valorizada."*

Thai superou preconceitos, e tem na sua essência o desejo de mudar a sociedade, além de poder orgulhar-se de ser um espelho para os seus alunos. Ela está formada na faculdade, é professora de informática em uma escola em Novo Israel e faz parte de vários outros trabalhos na sua comunidade para dar às pessoas a chance que um dia ela teve no IOS.

> *"Quem mora em periferia não tem oportunidade, então hoje eu sinto que preciso fazer a diferença. Não posso deixar meus irmãos e irmãs entrarem para o mundo da violência, eu preciso apontar outro caminho"*, disse ela antes de concluir com sabedoria: *"só a educação liberta"*.

Willians

FELICIDADE POR DIREITO

NOME: Willians Souza Gomes

OCUPAÇÃO: Estagiário de Direito na Machado Filgueiras Advogados Associados

IDADE: 34 anos

NATURAL DE: Mauá (SP)

Nascido em 1980, na cidade de Mauá (SP), Willians passou praticamente toda a sua infância na capital paulista. *"Em Mauá só fiz mesmo nascer"*, contou. Filho de nordestinos, sendo o pai zelador e a mãe costureira, cresceu em muitos endereços, já que a cada vez que o pai mudava de trabalho, a família mudava de casa. Willians se lembra de ter morado no Jardim Europa, na Vila Olímpia e nos Jardins, bairros nobres de São Paulo, nos quais conviveu com pessoas de outra origem social.

O maior trauma de sua infância, porém, não eram as mudanças, mas sim a difícil convivência com seu pai, por conta da violência física e psicológica que sofria.

> *"Eu apanhei bastante e essas atitudes abalaram muito a nossa estrutura familiar"*, contou.

Esse drama que vivia dentro de casa fez com que Willians, aos 14 anos, tomasse uma atitude drástica: *"eu disse para minha mãe que se ela não se separasse do meu pai eu sairia de casa"*. Pressionada pelo filho, que não aguentava mais viver naquelas circunstâncias, ela tomou coragem e se divorciou.

Sem o marido, a mãe de Willians tinha que sustentar os dois filhos com o dinheiro que ganhava na costura, o que não foi uma tarefa fácil. Para superar as dificuldades, ela teve que contar com seus pais, no Nordeste. Todos os anos, Willians, a mãe e a irmã iam ao sertão da Bahia visitar os parentes e, no ano em que seus pais se separaram, a viagem durou muito mais do que o esperado. Quando estavam perto do dia de voltar à São Paulo, a mãe avisou Willians e sua irmã que ia voltar sozinha, e que eles iam passar mais *"um tempo"* por ali.

No começo Willians ficou revoltado, não querendo retomar os estudos em um novo estado. Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando e ele se aproximou de uma figura que teria um papel muito importante

na sua vida: o seu avô. Analfabeto, aquele senhor, *"nascido e morrido"* no sertão, tinha uma sabedoria de vida que encantava o neto.

> *"Quando eu vejo meu avô, me lembro de Sócrates, que tentava aguçar nos seus discípulos a solução do problema e não dar as respostas de bandeja."*

"Meu avô fazia isso sem nunca ter lido uma frase de Sócrates. Foi uma das pessoas com a qual eu mais aprendi em toda a minha vida; a pessoa que sou, eu devo a ele", contou.

Aos 18 anos Willians voltou para São Paulo e encarou uma realidade muito dura. Trabalhando como codificador de ferramentas cirúrgicas e morando com um tio, a frágil estabilidade que tinha conquistado acabou no dia em que recebeu um ultimato:

> *"Meu tio me avisou na sexta-feira que iria mudar no sábado. Eu tive menos de 24h para encontrar um lugar para morar, fiquei desesperado"*, lembrou.

Sem dinheiro nem tempo para procurar uma nova casa, ele foi morar por uma semana em um terreno invadido, depois alugou um quarto nos fundos de uma casa, sendo este um barraco de madeira. *"Foram momentos difíceis ali, o forro do teto era de plástico bolha e passavam ratos a todo o momento"*, relembrou.

Cerca de três anos depois, quando conseguiu estruturar-se melhor, e se sentia mais reconhecido no emprego, estando prestes a iniciar uma nova jornada na carreira, uma tragédia de trânsito mudou sua vida.

Ao dar carona para um amigo, na zona norte de São Paulo, a moto em que eles estavam foi atingida por um ônibus que fazia uma conversão proibida. O acidente teve consequências gravíssimas: Willians teve politraumatismo e fraturou úmero, punho, fêmur, tornozelo, joelho, entre outros ossos. O seu amigo, infelizmente, faleceu. *"Fiquei 17 dias no hospital, passei por diversas cirurgias e tive que usar uma ilizarov* – do tornozelo à bacia – por nove meses. Doía muito"*, relembrou.

Depois de quase dois anos de recuperação, vivendo com uma reserva financeira que tinha guardado e podendo contar com o carinho e o amparo de sua mãe e de sua irmã, Willians voltou para o mercado de trabalho nas mesmas duas rodas que quase tiraram a sua vida. De dia trabalhava como *motoboy* e à noite entregava pizzas. A dupla jornada durou até o momento em que certa noite, na volta para casa, Willians caiu em um buraco, perdendo o controle da moto, o que lhe causou novas fraturas que o deixaram mais quatro meses dentro de casa.

Assim, teve que passar um tempo de licença pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), e nele recebeu a indicação de um programa de reabilitação profissional, ficou interessado e conheceu o Instituto da Oportunidade Social (IOS).

Willians chegou à Unidade de Santana do IOS triste e cabisbaixo. Os dois acidentes que tinha sofrido deixaram sequelas no seu joelho direito e ele ainda não tinha se adaptado a essa nova realidade. Aos poucos, além do aprendizado, ele ganhou também mais alegria de viver, foi se soltando e fazendo novas amizades: *"o IOS me fez renascer"*, contou.

* Aparelho de aço conhecido como "gaiola" que fica em volta da perna e tem hastes para fixar os ossos nos lugares.

Descrito pelos professores como um ótimo aluno, Willians encontrou no Instituto um ambiente de carinho, respeito e muito conhecimento, o que o fez voltar a sonhar e, o mais importante, perseguir seus sonhos.

Logo depois da sua formatura no curso, Willians decidiu estudar para, um dia, se tornar advogado. Determinado, se dedicou, passou no vestibular e, hoje, além de estar no quarto ano de direito, faz estágio em um escritório de advocacia e tem muitos planos para o futuro.

> *"Se eu não tivesse feito IOS, não estaria na faculdade. Hoje sonho em me tornar um defensor público e ajudar os que precisam assegurar seus direitos"*, contou.

Aos 20 e poucos anos Willians achava que a vida estava acabada, mas voltou a ser um jovem com objetivos e muitos ideais. A vida muitas vezes impõe diversas provações, porém, a história dele mostra que superar desafios é sempre possível, tanto que Willians perdoou as atitudes de seu pai e, hoje, mais amadurecido, desfruta da paternidade e ensina ao seu filho de nove anos que o melhor caminho a ser tomado é sempre pelo diálogo. Caiu? Levante! O importante é seguir em frente sempre! ■

Por mais histórias...

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire, pernambucano, nascido em 1921, foi um educador, pedagogista e filósofo.

É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado Pedagogia Crítica.

A oração acima é um dos pontos mais importantes de discussão do seu livro, “Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa”, de 1996.

O desenvolvimento social proposto pelo terceiro setor precisa levar os conceitos de Paulo Freire à risca, com o objetivo de apoiar à transformação dos seus educandos, orientando-os para a conquista dos seus sonhos.

“Ensinar exige respeito ao educando, exige saber ouvir. Ensinar exige convicção de que algo pode ser mudado, ensinar exige alegria e esperança. Ensinar exige querer bem aos educandos.”

Ao passar por todas as histórias de **Retratos de Oportunidades**, os ensinamentos de Paulo Freire mostram que nossos personagens são inspiração para sua prática didática.

Cada ser humano possui uma história, uma experiência de vida, emoções e fatos que transformaram seus caminhos, e que devem ser considerados.

Compreender os passos que os educandos já deram, valoriza sua jornada, incentiva seu pensamento crítico e sua atitude criativa.

Os personagens desta publicação são a prova desses pensamentos, quando ao terem oportunidade de conhecer algo novo, conseguiram transformar a estrada de suas vidas, criar seus pontos de virada, desenhando o rumo do seu aprendizado, escrevendo suas histórias.

Desejamos que possamos nos encontrar com mais Ageus, Bias, Rodrigos, Carolinas, Marianas, Lilianes, (...) por este Brasil afora!

Agradecimentos

Aos Fundadores, Idealizadores, Diretores-presidentes e Participantes.

Nestes 18 anos, o IOS passou por muitos desafios, cenários adversos da economia brasileira e da educação do jovem no País.

No aprendizado diário, com acertos e erros, vivenciamos as lições aprendidas no desenvolvimento do trabalho do Instituto, melhorando os nossos resultados a cada ano.

E tudo isto só é possível porque os profissionais que aqui estão e que por aqui passaram, ao longo destes anos, trazem em seu DNA o engajamento social, onde o trabalho entregue significa muito mais do que uma meta atingida, mas também, um novo caminho para os alunos que passam pelo IOS.

Nosso agradecimento a vocês, que trabalham para o desenvolvimento de uma sociedade com mais oportunidades para os jovens e pessoas com deficiência.

Fundadores
Ernesto Haberkorn
Laércio Cosentino

Idealizadores
Amariles Leite Pimenta
Beatriz Acosta Prieto
Mara Cosentino
Rosa Maria Pereira

Diretores-presidentes
Carlos Eduardo Reinhardt
Laércio Cosentino
Rosane Luciane Chene
Saulo Porto
Sergio Pauperio Serio Filho

Participantes
Adriana Borges Augusto
Adriana Carvalho dos Santos
Adriana Vinhas Pontes
Ageu Antonio dos Santos
Alana Broch
Alberto Deviciente
Alecsandra Neri de Almeida Meira
Alex Mendes Naliato
Alexandra Markendorf dos Santos
Alexandre Costa Stellato
Alexandre de Aguiar E Silva
Alexandro Pereira Velho
Allan Sobral da Silva
Alvaro Emidio Macedo Cysneiro
Amanda Neves Souza Gouveia
Amariles Leite Pimenta
Ana Carolini Fernandes Scalqueti
Ana Elizabeth Barrientos Nickel
Ana Karla Lopes Santana
Ana Paula Abdias
Ana Paula da Cunha Telles
Anderson dos Santos
Andreia Cristina Arruda
Andreia Pereira Portela
Andressa Ana Paula
Andressa Gomes de Lima Medeiros
Andressa Santos Gonçalves
Antonio Rodrigues dos Prazeres
Aparecida Maria Brito da Costa
Aretha Marçal de Macêdo Menezes
Arielle Moreira Guedes Ramos
Arlete Xavier dos Santos
Arnaldo Mesquita Carneiro
Beatriz Lopes Falcão
Bruna da Silva Santos
Bruna Raffaela de Sousa Vieira
Caio Cesar Bou Maachar Stefanes
Camila da Silva Flores
Camila Galani da Silva
Carina Madeira Gama
Carla Cristiane Fahl
Carla Samile Machado Trucolo Trindade
Carlos Alberto Sassi
Carlos Alberto Vieira
Carlos Augusto Do Nascimento Junior
Carmem Henrique dos Santos
Carmen Lucia Faustino
Caroline Barbas
Caroline Suellen Antunes Silva dos Santos
Cátia Denize Lenz Barbosa
Cibele Ana Da Silva
Cibele Fernandes Sofia
Cida Souza
Cinthia Elídio de Oliveira
Claudia Lima Guimarães
Cleiton de Almeida Souza
Cristiana Gonçalves da Silva

Cristiane Alves Tomasi
Cristiane Lima Firmino de Gracia
Cristiane Ramos Chaves
Cristiane Souza
Cristiano Mendes Veloso
Cristina Hermo Pedroso de Moraes Oliveira
Cristina Nogueira
Daisy de Jesus Silva
Damiane Muniz Coutinho
Daniel Lessa dos Santos
Daniel Tavares de Castro Filho
Daniela de Freitas Cabral
Daniele Amelia Silva Sampaio de Brito
Daniele Dias da Silva
Daniele dos Santos Silva
Daniele Gomes Moreira
Davi Henrique Raimondi Silva
David Aurélio Santos
Dayane Alexandrino de Souza
Débora Cristina Piologo Veras Fernandes
Denise da Silva Martins Alomba
Diana Alvarenga Prates
Elaine Andrea Gomes
Elaine Aparecida Dos Santos
Elaine Cristina Pereira Novaes
Elaine Oliveira da Silva
Eliana Alves da Silva Mourão
Eliane Aparecida da Silva Silva
Elisabete Scaranni Contreiras
Elizaine Maximiano Brina Machado
Enilda Maria da Conceição
Ennisten Mudado Neto
Evandro Nunes da Silva Junior
Evelin Carla Shabiuk Janneo
Fabiana da Silva Sanches
Fabiana Godoy
Fabiana Greff Cassenote
Fabio de Oliveira Silva
Fatima Fabbri Gomes
Felipe Pragmácio Travassos Telles
Fernanda Silva de Andrade
Fernanda Wendy Alves Pereira da Silva
Fernando Dallacqua
Fernando dos Santos Carvalho
Flávio Augusto Souza da Silva
Flavio Henrique Marques
Fulvio Passere
Gabriel Henrique Loiola Santos
Gabriel Lopes Ricardo
Gabrielle Gomes dos Santos
Georgina dos Santos Guerrini
Gerliane Maria Teixeira
Gilvane Claudia M. Minhoto
Gisele da Silva
Giselle Baranger Felder
Gislene Zuca de Aguiar
Giuliano da Silva Griffo Costa
Greyce Rocha de Alencar
Guilherme Gonçalo da Silva
Guilherme Henrique Carlsson
Guilherme Roseno dos Santos
Gustavo de Oliveira Govoni
Gustavo Ferrace Junior
Hanah Bomfim de Lima Masson
Haroldo Bernardo Alvez
Herbert Wesley Azevedo
Heudo Gonçalves de Oliveira
Hudson Andre Jesus de Souza
Hudson William da Silva
Idalina Camila
Indira Maria Alves Vicente
Ingrid Solitar da Silva
Isabel Menezes dos Santos
Isadora Brito da Costa
Israel Poscai da Silva
Izamara Gonçalves Vitória
Jailton dos Santos Lima
Janaina Borges
Janaina Morais Miranda
Jaqueline de Paula Cruz
Jayne Jocelia dos Santos
Jemima Lisboa Ribeiro de Avelar
Jessé dos Santos
Jessica Palola Zanella
Jessica Roberto
João Ricardo Passos dos Santos
João Wesley Chaves de Sousa
Jonkel Magalhães Melo
Jose Marcos Valerio da Silva
Joyce Harabara Santana
Julia Arcanjo Dom
Juliamara Cordeiro Fernandes
Juliana Pereira Santos
Juliane Regina Venteu
Juscier Souza
Karina dos Santos Schetz
Kátia Buono
Katya Veronica Costa Ribeiro
Kauany Villar de Araujo
Keilla Cristina de Sousa Rocha
Kelly Christine Barbosa do Valle Lopes
Kelly Cristina da Silva da Costa
Kenedy Silva Torres
Kleber Zilmar dos Santos Cezário
Lauzenir Guedes Fragoso
Leandro Gonçalves Guimarães
Leandro Luis Maia Pimenta
Leandro Martinho Rocha Lima
Lelio de Souza Junior
Leonardo Antonio da Costa
Leonardo Bezerra de Souza
Leonardo Bruno Sousa Araújo
Leonardo Castro da Silva
Leoni dos Santos Leite
Leonor do Carmo da Silva
Leticia Gonçalves da Silva
Leticia Souza França
Levi Silva dos Santos
Liliane Da Silva Maranhão
Lôlia Nogueira Paiva
Lourdes De Fátima Alves
Luan Ferrari
Luana da Costa Rocha Gomes
Luana Jardim dos Santos
Luana Sanches Cunha
Luciana Telles Ferri
Luciane Cristina de Lima
Luciano Blasquez Pereira Martins
Luciano Lacerda
Luciano Vivácqua
Luiz Fernando Estevão
Luiz Gabriel Alves Ferreira da Silva
Luzicleide Cipriano de Sá
Maisa Aparecida Santana Signor
Manoel Roberto Fernandes da Silva
Marcelo Castro Silva
Marcílio Otoni De Souza
Marcio Soares
Marco Antonio Oliveira da Silva
Marcos César Pires Gomes
Marcos Farineli
Marcos Silva Barbosa
Maressa Magalhães Lopes
Margareth Mary Araujo de Souza
Maria Alice Ferracin Andrade de Camargo
Maria Aucileide Pereira
Maria de Fátima Almeida E Albuquerque
Maria de Lourdes Conceição Cavalcante
Maria Gabriela Dias da Silva
Maria Ghyslaene Silva Kubo
Maria Lucienne Ribeiro Moreira
Maria Olibares Taranta
Mariana Martinez Leite
Mariana Santoro Magliani
Marilia Aparecida Messias de Oliveira
Marize Cunha Rezende Cerchi
Matheus Dinelli Miranda da Silva
Matilde da Conceição Alves
Maynara Gomes Chaves
Meichelle Souza Candido
Melissa Eufrasio Cavalcante
Michel Miller
Michel Souza Candido
Michele Pereira
Michele Tavares de Souza
Michelle Ferreira de Medeiros
Mirele Freitas Delgado
Miriam Piazza Bellafronte
Mirian Machado Linhares
Monica da Fonseca
Nâdia Aparecida Dias Sousa

Nalva Amorim Gleid
Nathália Cibirka de Oliveira
Nayane Dourado Silva
Nixon Pereira de Almeida
Nubia Cristina Domingos Silva
Octavio Gomes Rangel Junior
Pamela Bernardo de Souza
Patricia de Oliveira Bezerra
Patricia Fernandes da Silva
Patrícia Lopes Legas
Patrícia Martins de Novais
Patrícia Sodre Haberkorn
Paula Whithaker Carvalho
Paulo Bregantin Junior
Paulo Felix do Carmo Junior
Paulo Renato de Carvalho Ferreira
Pedro Henrique Soares
Pepita Dayane Alves Benjamin
Peterson Cristiano de Souza
Pietro Paschoalino Baptista
Poliana Kassia Nascimento Silva
Pollyanna Rodrigues da Silva
Priscila Cripa Galante
Priscilla Ferraretti Oliveira
Rachel de Araujo Rosa
Rafael Duram Santos
Rafael Eugênio do Nascimento
Rafael Lopes dos Santos
Rafaela Almeida da Silva
Rafaela Cesar Proton Xavier
Raphael Pablo Carvalho Olegário
Raquel Augusto
Regina Casemira Cabral
Regina Saffioti Bellini
Renata Aureli Mendes
Renata Falchi de Melo Gaspar
Renata Vieira do Amaral Carneiro
Ricardo Zaniboni
Roberto Alessandro Anselmo de Oliveira
Rodrigo Graziano Lopes
Rodrigo Possert Costa Pacheco
Rogério Oliveira de Souza
Rosa Maria Pereira
Rosali Miranda Campelo
Rosangela de Freitas Teixeira Leite
Roseli Murauskas
Said Bichara
Saulo Antonio Rosa Filho
Scarlet Aparecida Carlim Cardoso
Sergio Floriano
Sheyla Angelotti
Shirley Moutinho Leone
Silvana Crus Castilho
Simone Marchesi
Stefanny Dafila da Conceição Cerutti
Stenio Esteter
Sueli Maria Alves
Sueli Regina da Silva Marcelino
Tamara Gabriela Lunardelli Leite
Tame Cristina Campos de Araujo Nobre
Tânia Graciele Belo
Tânia Soares dos Santos
Tatiane de Souza Costa
Tatiara Oliveira
Terezinha Lopes da Silva
Thainá de Oliveira Ribeiro
Thais Elisa Tomas
Thiago Araujo Cardoso da Costa
Thiago Borges
Thiago da Conceição Chapelem
Tomaz Brito da Costa
Valter Espinola Junior
Vanessa Araujo Maganhoto Matos
Vanessa Czonstka Soncini
Vanessa de Almeida
Vanessa Martha Pereira
Vanessa Rosa Catarino
Vania Maria da Silva Rios
Vera Lucia Gonçalves Barbosa
Victor Fernandes dos Santos
Vilma Avellar Reis
Vinicius Esteves Pacheco
Walisson Pereira Fernandes
Walquiria Rodrigues de Melo
Wania Elisa Aragão Reis
Wellerson Villas Boas
Wendel Wilians Afonso de Almeida
Weslley Fernando Costa Silva
William da Silva Paula
William dos Santos Bezerra
William Lima

Caso você não encontre o seu nome nesta listagem e tenha feito parte de nossa equipe, por favor, envie seu nome completo e dados para contato para o e-mail **comunicacao@ios.org.br**. Confirmada a sua participação, o seu nome será incluído na próxima edição desta publicação.

Às Organizações Sociais Parceiras.

Um projeto é sempre mais bem-sucedido quando realizado em equipe. O coletivo traz potencialidades diferentes para um bem comum, as conversas trazem mais visão e decisões estratégicas para um resultado verdadeiramente efetivo.

Quando as Organizações Sociais se unem é perceptível a potencialização de suas missões no atendimento às comunidades em situação de vulnerabilidade social. E é assim que o IOS vem trabalhando desde a sua fundação, no desenvolvimento de parcerias estratégicas com outras organizações.

Neste modelo, as Organizações parceiras cedem e custeiam o espaço físico, e assim não são apenas geograficamente mais acessíveis às comunidades atendidas, mas também, garantem maior confiança do público-alvo. A articulação das Organizações com os moradores, as escolas, os comércios e espaços públicos nos bairros atendidos facilita a divulgação dos cursos oferecidos pelo IOS.

Esperamos poder trabalhar juntos pelo tempo que for necessário para diminuir a desigualdade social em nosso País.

O IOS é grato a todos os nossos parceiros, essenciais para o atendimento aos nossos alunos:

Amazonas
- Arquidiocese de Manaus – Área Missionária Imaculado Coração de Maria, Manaus

Goiás
- Projeto Crescer, Goiânia

Mato Grosso
- Associação São Francisco de Assis, Cuiabá
- Casa Luz, Cuiabá
- Paróquia Nossa Senhora do Guadalupe, Cuiabá

Minas Gerais
- Pitágoras - Sistema de Educação Superior Sociedade Ltda., Belo Horizonte
- Espaço Inconformados, Belo Horizonte
- Centro Universitário Belo Horizonte (UNIBH), Belo Horizonte
- Associação das Obras Pavonianas de Assis. Escola Prof. Delfim Moreira, Pouso Alegre
- Faculdade Uniessa, Uberlândia
- TOTVS Triângulo Mineiro, Uberlândia

Paraná
- Estação Business School, Curitiba

Rio de Janeiro
- Instituto Bola Pra Frente, Rio de Janeiro
- Solar Meninos da Luz, Rio de Janeiro
- Unisuam, Rio de Janeiro

Santa Catarina
- Fundamas, Joinville
- Centro Educacional Dom Bosco, Joinville

São Paulo
- Obra Social São Francisco Xavier, Diadema
- Lar da Mamãe Clory, São Bernardo do Campo
- OFM De Assistência Social Betânia - Lar da Criança, Ferraz de Vasconcelos
- Camp Oeste – Centro de Aperfeiçoamento Multipedagógico, São Paulo
- Clube São Bento, São Paulo
- Covep, São Paulo
- Estácio Uniradial – Mirandópolis, São Paulo
- Estácio Uniradial – Santo Amaro, São Paulo
- Estácio Uniradial – Vila dos Remédios, São Paulo
- Igreja Batista Betel, São Paulo
- Igreja Nossa Sra. da Salette, São Paulo
- Obra Social Dom Bosco, São Paulo
- Obra Social Santa Rita de Cássia, São Paulo
- Organização para Produção e Democratização da Informação Canto Cidadão, São Paulo
- Uninove – Vergueiro, São Paulo
- Uninove – Vila Maria, São Paulo
- Universidade Anhanguera – Pirituba, São Paulo
- Associação dos Cavaleiros da Soberana Ordem Militar de Malta de São Paulo e Brasil Meridional - Jabaquara
- Sociedade Santos Mártires – Jardim Ângela

www.ios.org.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-5956-000-8
9 788559 560008